

Submissa



TÍTULO: *Submissa*

AUTORIA: *Shayla Black*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2013 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Decadent © 2007 Shelley Bradley LLC. Publicado originalmente nos E.U.A. por The Berkley Publishing Group, 2007

TRADUÇÃO: *Rita Guerra*

REVISÃO: *Chá das Cinco*

COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Chá das Cinco*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Setembro, 2013*

ISBN: *978-989-710-062-8*

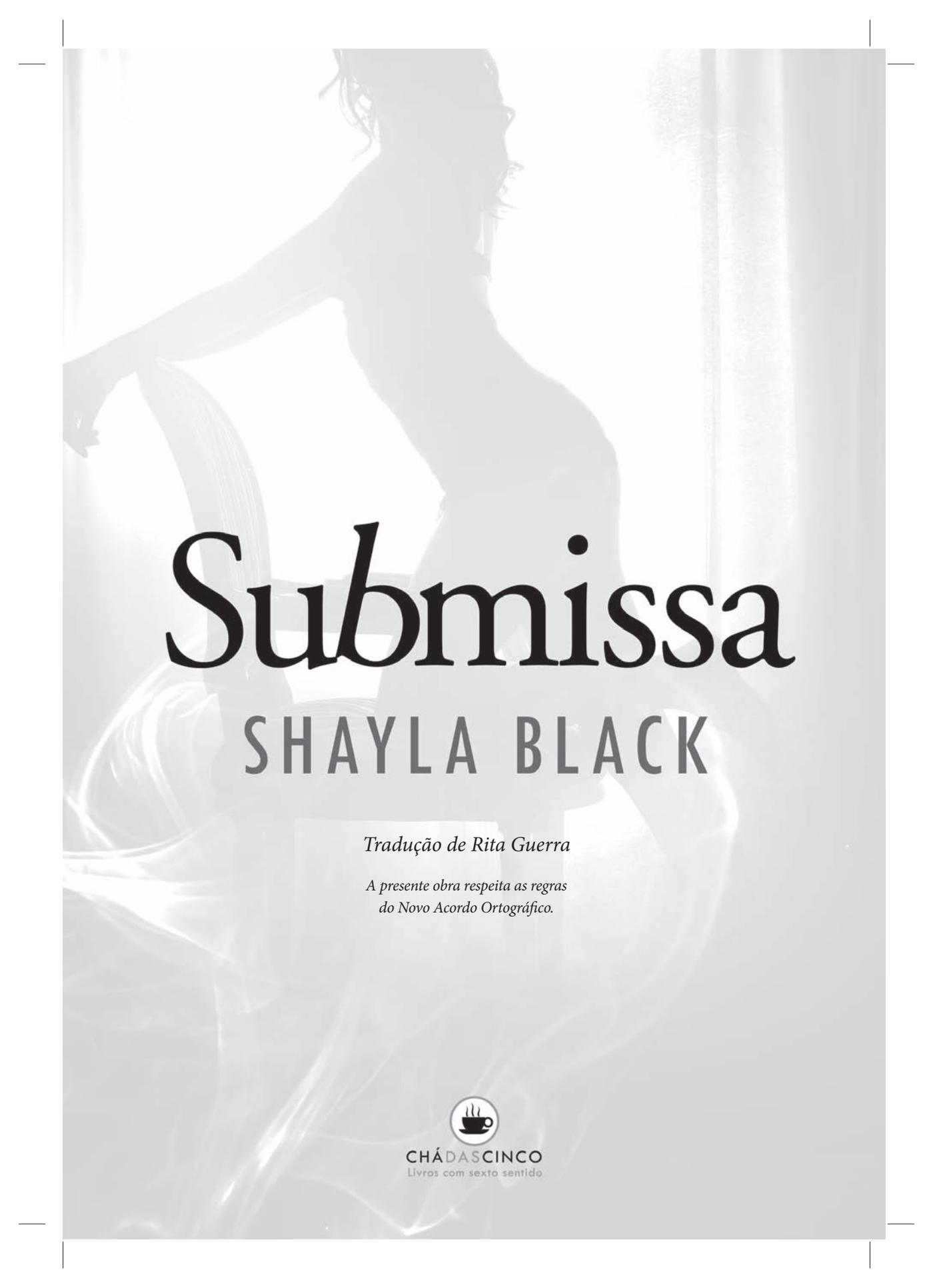
DEPÓSITO LEGAL: *362628/13*

Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.CHADASCINCO.COM



Submissa

SHAYLA BLACK

Tradução de Rita Guerra

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Capítulo Um

Normalmente, Kimber Edgington não tinha qualquer problema em pedir um favor. Se, por acaso, o pai estivesse na cidade, pedir-lhe que lhe fosse buscar a roupa à engomadoria não a perturbava. Ou importunar um dos irmãos para que lhe trouxesse leite, sem problemas.

Naquele dia, não ia pedir ajuda à família. E o favor que planeava pedir era tudo menos comum.

Inspirou fundo. Ia conseguir fazer aquilo. Não, ela *tinha* de fazer aquilo se queria realizar uma fantasia com sete anos.

Deslizando do carro para a tarde húmida, Kimber estudou a casa de tijolos vermelhos. Pelo lado de fora parecia bem cuidada, com uma explosão de coloridas azáleas e relvados bem cortados. Elegante na sua fachada parcialmente em pedra, no seu imaculado rebordo branco, na sua ampla varanda e nas suas colunas dóricas. E, sem um único som a perturbar a verde ruralidade do Texas Oriental, o local parecia tranquilo.

Ninguém poderia adivinhar as depravações que ali ocorriam. De facto, Kimber tinha ido até ali para as descobrir por si.

E para saber se as poderia abraçar.

Apertando a mão trémula em redor da alça da mala, reuniu coragem e aproximou-se da pesada porta de carvalho. Dispensando um pensamento fugaz à beleza do vitral embutido, com o desenho de uma paisagem marítima, bateu.

Perversamente, esperou que Deke Trenton não respondesse.

Ugh! Já não via aquele homem há... quê? Cinco anos? Talvez mais. Kimber desejava sinceramente poder passar mais cinco — pelo menos — sem contactar com ele. A sua forma grosseira, direta, de fazer as coisas dava-lhe vontade de cerrar os dentes e de o humilhar ligeiramente, ou um bocado — ou muito. Quando tinha dezassete anos, Deke suscitara nela uma

curiosidade que a assustara, mas que não fora capaz de ignorar. A única vez em que tentara agir em conformidade, dando início a uma simples conversa, ele rejeitara-a de forma rude. Durante muito tempo, Kimber odiara-o por isso.

Agora, em vez de o evitar, ia ter de lhe pedir o maior favor da sua vida. E estava disposta a fazer o que fosse preciso para que a resposta dele fosse afirmativa.

Atirando um rebelde caracol ruivo para trás do ombro, Kimber resistiu à vontade de voltar a verificar o brilho dos lábios. Não tinha a maquiagem esborratada, tinha olhado para ela de relance havia poucos minutos. As calças de camuflado verde-azeitona tinham sido uma escolha idiota, mas que lhe garantia algum conforto. Tinha equilibrado o *look* com uma pudica blusa que lhe abraçava os seios. O colarinho baixo e redondo devia prender-lhe a atenção. Tinha terminado o conjunto com umas sandálias de tiras brancas, com salto alto, que sabia que os homens adoravam, mas que, raios, lhe provocavam dores na planta do pé.

Não tinha qualquer desculpa para adiar aquele empreendimento nem mais um minuto.

Engolindo em seco, Kimber bateu à porta.

— Cá vou... — anunciou uma voz masculina, abafada.

Deke? Já lá ia muito tempo e ela bloqueara tanto quanto podia a voz daquele homem irritante. No entanto, nunca conseguira esquecer por completo a sua voz rouca, grave.

Um batalhão de borboletas acotovelou-se no seu estômago, quando ouviu o som abafado dos passos que se aproximavam da porta. Tinha ensaiado aquele discurso. Várias vezes. *Deke* tinha sido moldado no mesmo barro militar do pai e dos irmãos de Kimber. Não queriam demoras ou paninhos quentes. Por isso, ia dizer o que tinha a dizer, com alguma sorte, sem estragar tudo.

De forma abrupta, um homem abriu a porta.

Não era *Deke*. Nem de perto.

Cabelo preto caído solto em redor dos ombros magros. Olhos negros, cheios de alma. Um maxilar forte salpicado com a sombra da barba que começava a despontar. Uma t-shirt justa, cinzenta-escura, e umas deliciosas calças de ganga desbotadas abraçavam um corpo alto, com o físico de um nadador. Aquele homem podia ganhar uma fortuna como modelo. Parecia-lhe estranhamente familiar, por isso talvez ganhasse.

— Posso ajudar? Não me importava nada. — O sorriso divertido dele deixava perceber que vira a forma como ela o olhara e que não se importava minimamente. Também ele a fitara.

Kimber riu. Obviamente, não tinha sido perspicaz ou boa a seguir as suas direções.

— Desculpe. Acho que estou na casa errada. Estava à procura do Deke Trenton. E acho que virei no sítio errado...

— Não. Está na casa certa. O primo Deke deve chegar não tarda.

— O Deke é seu primo?

Tal possibilidade quase a deixava de queixo caído. Em termos de aspeto físico, os dois homens eram como a noite e o dia — literalmente. O homem à sua frente era a meia-noite apaixonada e sensual, de aspeto negro e travesso. Deke tinha cabelo e pele trigueiros, todo ele era disciplina, força e a crueza do meio-dia.

O homem encolheu os ombros.

— Primos em segundo grau. Por vezes, gostava de o renegar, mas ele paga metade das contas, por isso tem onde ficar entre missões. Chamo-me...

— Luc Traverson. Oh, meu Deus! Reconheci-o das suas fotografias. Tenho vários dos seus livros de culinária.

— Sinto-me lisonjeado.

Kimber dirigiu-lhe um sorriso de autocensura.

— Oh, uau! Adoro-os... embora continue a ser uma desgraça na cozinha.

A gargalhada masculina e sincera de Luc ressoou num eco quente dentro da barriga dela. Gostou logo dele. Era uma boa pessoa, terra-a-terra, apesar do seu sucesso.

— Como te chamas, querida?

— Kimber Edgington. — Estendeu-lhe a mão. — És mesmo primo do Deke?

— Quer goste quer não. — Luc agarrou-lhe a mão, acariciando-a mais do que apertando-a. — Não gostava de te deixar no alpendre. Queres entrar e esperar por ele? Adoraria a tua bela companhia enquanto acabo o assado do jantar.

O homem estava carregado de charme sulista. Kimber sentiu-se imediatamente à vontade.

— Obrigada. Estás à espera que chegue em breve?

— Sim. Telefonou há pouco a dizer que já vinha a caminho. — Luc recuou e abriu a porta para a deixar passar.

Kimber penetrou na casa, de olhos muito abertos. Para onde quer que olhasse reinavam influências clássicas e italianas... mas numa interessante mistura de casa rústica e tecnologia moderna. Chão de madeira envelhecida e paredes de estuque em tons quentes. Cadeiras em pele cor de conhaque com mesas de ferro forjado — e uma televisão com um

ecrã plasma de 50 polegadas. Elegante e sumptuoso... mas ainda assim muito masculino.

— Desconfio que deverá chegar dentro de cerca de dez minutos. — Luc dirigiu-lhe um sorriso matreiro. — Tempo mais do que suficiente para que te possa subornar com um chá frio de framboesa e scones de pêssegos frescos, para me contares que raio fez aquela besta para merecer uma visita surpresa de uma beldade como tu.

O sorriso de Kimber desvaneceu-se. A missão. Quão depressa um par de magnéticos olhos negros e algumas palavras corteses a tinham feito esquecer...

Parte de si mal conseguia acreditar na razão que a levava até ali. Era selvagem. Louca. Corajosa.

Fundamental para o seu futuro.

E Luc não lhe ia arrancar a verdade, por muito deliciosos que fossem os seus scones. De qualquer forma, o mais certo era que Deke contasse tudo a Luc logo depois de correr com ela porta fora, à gargalhada.

— Só me estava a meter contigo. Não precisas de ficar tão séria. Não tens de me dizer nada — garantiu-lhe, a voz aérea e íntima. A expressão provocante tinha sido substituída pelo conforto dos seus olhos negros, sérios.

— Desculpa. — Kimber fez os possíveis por sorrir. — Estou um bocadinho...

— Nervosa? — ofereceu Luc, enquanto a conduzia para uma cozinha bem iluminada.

— A casa é linda, em especial a cozinha — sussurrou ela, feliz por ter encontrado um motivo para mudar de assunto.

Os móveis de cerejeira com pequenos adornos, um toque europeu e ferragens, painéis de parede e eletrodomésticos em aço inoxidável. Uma maravilhosa mistura de velho e novo. O fogão a gás com seis bicos, os balcões em granito e o forno duplo faziam daquela cozinha o sonho de um chefe. Luc parecia sentir-se, ali, completamente em casa.

— Obrigado. O Deke não me ajudou a decorar, caso te estivesse a perguntar. — Luc piscou-lhe o olho.

O Deke a decorar? A ideia em si era suficiente para a fazer rir. Deke teria pendurado suportes para as armas e espalhado cartuchos pelo chão. Aos seus olhos, uns binóculos com infravermelhos seriam a peça perfeita para colocar em destaque sobre uma mesa de centro. Tabuleiros com pernas, um sofá velho qualquer e um monte de câmaras de segurança, ponto final. Jamais precisaria de qualquer outra coisa para se distrair.

— Nisso, acredito. Foste tu quem fez isto?

— Com uma pequena ajuda de um amigo que é decorador de interiores.

— Está realmente muito bonita.

Luc dirigiu-lhe um sorriso atencioso.

— Ainda bem que gostas. Chá de framboesa?

Que raio de expressão era aquela?

— Sim. Obrigada.

Luc pousou a mão na parte inferior das costas dela e conduziu-a a uma cadeira de ferro forjado com fofas almofadas cor de musgo. O toque dele aqueceu-a. Kimber não tinha qualquer dúvida de que muitas mulheres achavam sensual o famoso chefe. Ele era-o. No entanto, também havia algo nele que a deixava à vontade. Luc cozinhava, decorava e fazia com que ela se sentisse imediatamente confortável. Talvez fosse *gay*. Mais um olhar de relance e Kimber repensou a sua última consideração. *Duvido*. Ele era, apenas, naturalmente educado e despreocupado.

Completamente diferente do primo. Deke sempre a deixara nervosa, mesmo antes de dizer olá.

— Então conheces o Deke? — perguntou Luc, entregando-lhe um copo alto.

— Oh, sim. — Kimber dirigiu-lhe um sorriso tenso. — Ele e o meu pai trabalham na mesma área. Na verdade, ele costumava trabalhar para o meu pai. — Kimber bebeu um gole do chá e gemeu. — Uau. É ótimo!

Luc franziu o sobrolho, depois o reconhecimento despontou no seu rosto.

— Ah, és a filha do Coronel Edgington?

Kimber acenou.

— O Deke falou-te de mim?

— Não pelo nome. Falou-me principalmente do teu pai. Vou ter de lhe aplicar um castigo por tal descuido. És um borracho. — Luc sentou-se na cadeira ao lado da dela e sorriu, libertando o seu charme. — Se ele te estava a guardar só para si, vou ficar muito aborrecido com ele.

Uma sensação de calor deslizou-lhe pelo pescoço, até ao rosto. *Um rubor?* Ela nunca corava. Nunca! No entanto, Luc e a sua língua suave não eram algo que alguma vez tivesse encontrado durante os anos em que vivera apenas com militares.

— Aposto que os teus elogios fazem com que muitas senhoras baixem as cuequinhas.

O fantasma de um sorriso pairou em redor da boca sensual de Luc. Contudo, este não respondeu.

— O Deke sabia que vinhas cá hoje?

— Não. E não me tem estado a guardar só para ele. Acredita, há anos

que não o vejo. Acho que eu ainda andava na escola a última vez que nos cruzámos.

A surpresa explodiu nas feições escuras e sensuais de Luc.

— Então decidiste, do nada, surpreender um homem de quem, ou muito me engano, não gostas particularmente. Passa-se alguma coisa?

Kimber empalideceu. Raios, ele tinha percebido aquilo tudo bastante depressa.

— E-Eu só preciso de falar com o Deke. É... urgente.

Deke aguardava junto à porta da cozinha, de maxilar cerrado.

Raios, teria reconhecido aquela doce voz feminina em qualquer lado. Aguda, melodiosa, normalmente entrelaçada com um toque de matreirice. *Kimber Edgington*. Aquela mulher fazia com que a sua pila ansiasse por entrar em ação. Sempre fizera. Enquanto trabalhava para o Coronel, via-a todos os dias. O simples som da sua voz tinha sido suficiente para lançar uma louca torrente de sangue diretamente para o seu caralho. Um olhar de relance daqueles doces olhos cor de avelã deixavam-no tão pronto como um martelo pneumático.

Ajeitando-se, Deke fez uma careta. Raios, Kimber ainda tinha esse poder.

Pelo menos já não era uma miúda de dezassete anos a tentar um homem com idade suficiente para ter juízo e quase excitado de mais para se preocupar.

Cinco anos antes, deixara de trabalhar para o pai dela antes que fizesse algo estúpido. Algo de que tinha a certeza que se ia arrepender tanto quanto ela.

Mas por que caralho estava ela ali? *Caraças, só há uma forma de descobrir...*

Kimber arquejou quando ele entrou na cozinha. Deke encostou-se à ilha no centro da cozinha para esconder o seu violento tesão. Tendo em conta o sorriso divertido de Luc, sabia que não tinha como enganar o primo.

No entanto, era o rosto de Kimber que fixava. As linhas tinham-se tornado mais maduras. Os lábios mais cheios. As sardas tinham-se desvanecido. Usava um pouco de maquilhagem. O ar inocente continuava intacto, continuava a implorar que a corrompesse.

Deke apostaria todas as medalhas que alguma vez tinha ganho em como continuava virgem.

Maluco. A miúda devia ter vinte e dois, vinte e três anos. No fundo de si, contudo, Deke sabia que estava certo. *Merda!* Tinha de a pôr a

andar dali. Depressa. Desejo enlouquecedor e virgindade eram uma má combinação.

— Kimber. — A voz dele parecia gravilha moída. Resistiu ao desejo de se encolher.

— Deke.

O nome dele caiu dos lábios brilhantes e rosados de Kimber. O som rouco deixou-o ainda mais duro. Depois ela mordeu o agradável lábio inferior e Deke não conseguia pensar em mais nada para além de ver a sua pila a deslizar por cima daquele lábio, penetrando na seda húmida da sua boca, enquanto ela o fitava com olhos inocentes.

Se não parasse de pensar em tais coisas, ia ter de fugir para a casa de banho e bater uma antes de conseguir ter uma conversa decente com a rapariga, para a poder mandar embora.

— Olá — sussurrou ela, no silêncio desconfortável.

— Já lá vai algum tempo.

Kimber acenou. Fora um gesto abrupto, nervoso. Não tinha ouvido grande coisa da conversa de Luc com Kimber, apenas o suficiente para saber que o primo se tinha passado ao pensar que ele andava a guardar para si aquela beldade. E que Kimber achava que tinha uma razão urgente para ali estar.

Como só tinham um conhecimento em comum, só podia ser algo com o Coronel.

— Está tudo bem com o teu pai?

— Ele... ele está ótimo. — O seu rosto abriu-se num sorriso. — Diz que um ex-presidiário psicopata que ajudou um cliente a prender já saiu e o está a ameaçar, mas isso não é nada de novo.

No trabalho deles?

— Não, realmente não é.

Por fim, a sua ereção diminuiu o suficiente para conseguir atravessar a sala e instalar-se junto à rebuscada mesa italiana. Um sorriso continuava a repuxar os lábios do primo e Deke dirigiu-lhe um olhar de aviso.

— Ouvi-te dizer ao Luc que tinhas algo urgente para falar comigo. Não é sobre o Coronel?

— Não. É... — As pestanas de Kimber deslizaram em direção às maçãs do rosto quando ela baixou o olhar, mordendo de novo o lábio.

Raios, aqueles avanços inconscientes e inocentes estavam a deixá-lo outra vez teso.

Kimber voltou a erguer o olhar e Deke viu nele determinação. *Interessante...*

— É pessoal.

Pessoal? Deke não fazia ideia do que dizer. Kimber tinha ido ter com

ele por causa de algo pessoal? Sempre fizera os possíveis por se portar como um imbecil com ela, enquanto trabalhava para o Coronel. Nada de muito difícil, tendo em consideração que se sentia diariamente irritado devido à frustração sexual.

Passou-se um instante em silêncio. Uma pausa. Luc levantou-se e aproximou-se de Kimber.

— Vou deixar-vos sozinhos durante alguns minutos. De qualquer forma tenho de fazer uma chamada. Há mais chá de framboesa no frigorífico. Não deixes que o Sr. Carrancudo te assuste. — Agarrou-lhe na mão e beijou-a. — E não te vás embora sem te despedires.

Deke observou a troca de palavras e apercebeu-se de que estava a cerrar os dentes. *Sacana*. Kimber era tudo o que o seu primo procurava com um vigor obstinado: a promessa de doçura, renda branca e suspiros inocentes. O facto de ela ter um toque saudável de vermelho no cabelo era apenas um bónus.

Não esta mulher. Não desta vez. Se ele não podia ter Kimber, Luc também não lhe ia deitar a mão.

O bater abafado de uma porta, ao fundo do corredor, fez saber a Deke que o primo se tinha escondido na segurança do seu escritório. Voltou de novo a atenção para Kimber.

— Continua. Sou todo ouvidos.

— Vim pedir-te um favor. Compreendo que é estranho, mas... — Kimber inspirou, hesitante, depois ergueu o queixo, parecendo conseguir controlar o nervosismo. Um instante depois, fitou-o diretamente. — Podias ensinar-me sobre o sexo, da maneira como gostas dele?

Em geral, a expressão de Deke não transmitia nenhum dos seus pensamentos. No seu ramo, um rosto impassível era essencial. No entanto, aquela tirada de Kimber fizera com que ficasse de queixo caído. Não teria ficado mais atordoado se ela lhe tivesse pedido para escavar um buraco do tamanho do Grand Canyon com as próprias mãos.

— *O quê?*

— Quero aprender sobre a maneira como gostas de fazer sexo.

A maneira como ele gostava de fazer sexo? Como se se tratasse de um planeta estranho?

Havia ali algo de errado. De muito errado. A virginal Kimber não podia, de forma alguma, querer o que ele queria. Era algo que não devia, sequer, fazer parte do seu vocabulário.

Caraças, talvez não fizesse. O mais provável era que Kimber não fizesse a mais pálida ideia do que estava a pedir.

Com aquele pensamento persistente, a irritação impregnou a sua atitude, e Deke abanou a cabeça.

— Por que caralho haverias de querer tal coisa?

Kimber nem pestanejou perante aquela linguagem. Deke tinha de lhe reconhecer algum mérito por isso — e por ter tido a coragem de ir ter com ele. Tendo convivido com o Coronel e dois irmãos mais velhos, o mais certo era que tivesse ouvido todos os palavrões conhecidos e alguns inventados por eles. Deke perguntou-se onde teria Kimber ido buscar a coragem para lhe pedir que... o quê? Fosse o seu professor sexual? Quase fungou ao pensar em todas as coisas que gostaria de lhe mostrar.

— Acho que é tempo de expandir os meus horizontes — explicou ela, de uma forma ligeira e prática. — E, apesar dessa tua atitude rude, és um homem honrado. Jamais me magoarias...

— E é precisamente por isso que vou recusar antes que possas ir mais longe nesse teu discursozinho.

— Ainda não acabei.

— Nem devias ter começado.

— Preciso do teu conhecimento. Tenho de saber como satisfazer um homem com os teus desejos.

Os desejos dele. Como se fosse fácil. Como se lhe pudesse, simplesmente, fazer um desenho. Susteve uma gargalhada amarga.

— Deixa-me ver se entendi: queres saber como foder comigo, mas não fazes ideia do que isso significa, pois não?

Kimber eriçou-se.

— Faça. Gostas de *ménages*.

Como raio é que ela aprendera aquilo? Surpreendente. Desconcertante. Perturbador. Tão excitante.

No entanto, a forma como Kimber dissera a palavra *ménage*, era como se a assustasse como o diabo. Deke riu. Uma gargalhada longa e sincera, sonora e completamente às custas dela.

— Bichana, é demasiada areia para a tua camioneta.

— Por favor, não me trates como uma criança. Não sou a mulher mais experiente. E depois? Todos começam do zero. Estou a tentar aprender. Não te estou a pedir um compromisso, nem muito do teu tempo. Estou a falar de uma noite ou duas. Qual é o problema?

Então a bichaninha ainda tinha garras. Era algo que Deke achava loucamente excitante. Kimber ficaria muito bem deitada na sua brilhante mesa redonda, as pernas abertas e penduradas, a rata inchada e exposta, enquanto ela gemia, a um arquejo do orgasmo...

Deke limpou a garganta e obrigou a mente a concentrar-se.

— Esquece por um minuto que tens apenas uma ideia vaga do que estás a pedir. Avancemos para a grande questão: porquê? Porque é que queres saber sobre *ménages*?

Kimber juntou as mãos à frente do corpo e hesitou. Estava a tentar decidir quanto lhe devia revelar, formulando e descartando vários planos. Deke deu-lhe um minuto para clarear as ideias. Podia esperar. Não ia demorar muito a chegar ao fundo de toda aquela merda.

— Talvez saibas que, pouco antes de teres ido trabalhar para o meu pai, ele fez segurança para o Jesse McCall.

— Sim. — Deke encolheu os ombros.

— Eu e o Jesse... tornámo-nos bastante próximos nesse verão. Partilhámos uma ligação especial. Pode-se dizer que o nosso romance floresceu. Ambos saímos com outras pessoas, mas não é o mesmo. Mantivemo-nos em constante contacto, por *email* e por telefone. Partilhamos as nossas esperanças, desejos e sonhos. Tive muitos anos para pensar nele, para pensar em nós, e acredito que ele é o homem certo para mim.

Alguém que lhe passasse um saco de enjoo. Kimber acreditava sinceramente que, enquanto Jesse produzia *hits* em série e comia uma mulher diferente em cada paragem da digressão, a amizade deles tinha um significado especial na sua vida? Deke supôs que isso poderia ser verdade... no Dia de São Nunca à tarde, mais ou menos quando o rei faz anos e as galinhas tiverem dentes.

— Estou a ver — disse Deke com a voz arrastada. — Então e o que é que eu tenho a ver com tudo isto?

— Bem, há cerca de seis meses, falámos sobre o nosso relacionamento a longo prazo. Eu disse-lhe que achava que ele era o tal. — Kimber mordeu o lábio, hesitou. — Ele disse-me que gosta muito de mim, mas que... o seu estilo de vida me chocaria.

Tendo em conta o que a imprensa sensacionalista publicava?

— E chocaria.

— Já vi as fotografias dele com mulheres diferentes. Ouvi os rumores de que está envolvido em *ménages*. Sei o que preciso de fazer para ter um futuro com ele. Ele diz que não me quer corromper e acha que eu não seria capaz de lidar com isso. Tenho de lhe provar que posso ser tudo aquilo de que ele necessita.

Còs diabos. Estaria Kimber completamente louca? Queria que ele a ensinasse como dar prazer ao cantorzeço e a uma qualquer besta desconhecida. Será que ainda tinha uma paixoneta de adolescente em relação à celebridade, daquelas que fazem as miúdas guinchar de cada vez que ouvem o seu nome? A negação mordeu-lhe de imediato o estômago.

— Portanto, eu ensinava-te, tu apanhava-lo e vivíamos todos felizes para sempre.

Kimber eriçou-se.

— Acho que seria sensato ir ter com Jesse preparada para o agradecer e para provar que posso ser uma pessoa especial na sua vida.

— Porque é que isto é urgente?

— Ele passou os últimos anos na Europa. Tenho tido umas saudades terríveis dele. Mas, finalmente, vai regressar aos Estados Unidos. Vai regressar ao Texas, mas apenas durante alguns meses. Planeámos ver-nos, descobrir para onde vai a nossa relação. É a minha oportunidade para lhe provar que ainda temos essa ligação especial.

Ligação especial? Que caralho é que isso queria dizer?

— Em primeiro lugar, o tipo é uma estrela pop internacional. Teve algo como três álbuns no primeiro lugar do top nos últimos dois anos. As mulheres atiram-se para cima dele. E tu sabes disso.

Kimber ergueu o queixo. Orgulho. Tinha-o a rodos. Apenas mais uma coisa que o deixava teso por ela.

— É precisamente por isso que não me posso dar ao luxo de não estar preparada. Estou consciente da concorrência pelo seu tempo e atenção. Estou consciente de que não sou tão mundana como as *groupies* que o rodeiam. Mas *existe* uma ligação entre nós. Quero levá-la para o nível seguinte. Acho que ele também quer, mas tem medo de me magoar.

— Em segundo lugar, és demasiado inocente para isto.

— É por isso que estou a pedir a tua ajuda. Recuso-me a ir ter com ele, correndo o risco de parecer uma criança. Já agora, para quê o interrogatório? Isto não pode ser assim tão difícil?

— Achas que te faço uma merda de um desenho e que isso te vai revelar tudo o que precisas de saber sobre *ménages*?

— Estava preparada para uma explicação, uma demonstração, talvez... depende.

Inacreditável.

— Uma explicação não faria ponta de corno por ti, bichana. Não te ajudaria a preparar como precisarias de te preparar. Uma demonstração seria demasiado para ti.

Kimber franziu o sobrolho, a sua frustração a aumentar, claramente, tão depressa quanto a excitação de Deke.

— Se for esse o caso, preciso de saber já, antes de me comprometer com o Jesse. Uma pequena demonstração...

— Far-te-ia fugir daqui a gritar, tão depressa que estabeleceria novos recordes. Não seria capaz de lidar com isto.

— Porquê? Envolve *bondage* ou chicotes?

Os olhos de Deke abriram-se de surpresa. Kimber até sabia da existência de tais coisas?

— Não fiques tão chocado. Já não sou uma criança.

— Talvez não. Mas és virgem. Podia apostar a minha vida.

— Sim. E depois? Guardei-me para o Jesse. — Kimber lançou um caracol brilhante para trás do ombro e agiu como se uma mulher de vinte e qualquer coisa a anunciar que era virgem fosse a coisa mais normal do mundo. — Deke, sei que não me deves nada, mas estou a pedir-te ajuda da forma mais simpática que conheço.

— Estou-me a cagar para a forma como pedes. Sim, foi simpática. E depois? É um pedido estúpido.

— Se estás preocupado com a possibilidade de o meu pai ficar zangado...

— Caraças, claro que sim, claro que vai ficar zangado. Mas isso não tem nada a ver com a razão pela qual te estou a dizer que não. Kimber, este não é o tipo de sexo que uma virgem pratique.

Kimber fez uma pausa, refletindo. Depois levantou-se.

— Está bem, já percebi. Eu não... te deixo em brasa ou algo assim. Paciência. Hei de descobrir outra forma.

Devia deixar que Kimber acreditasse nisso e deixá-la partir, mas Deke não foi capaz. Ela tinha de saber que o deixava em brasa — e que estava a brincar com o fogo.

Deke levantou-se e tapou-lhe o caminho.

— Achas que não me deixas em brasa? — Deke baixou os olhos na direção do seu caralho, grosso, tesó e a pressionar a parte da frente das calças. Um instante mais tarde, o olhar de Kimber seguiu o dele. O seu pequeno arquejo serviu apenas para o deixar ainda mais tesó. — Bichana, não fazes ideia das imagens que me têm atravessado a mente desde que o pedido para te ensinar tudo sobre sexo saiu dessa boca linda e apetitosa. Duvido que as queiras conhecer.

Um novo rubor deslizou pelo rosto de Kimber. Esta voltou a olhar de relance para o meio das pernas dele. Mordeu o lábio. Era algo que fazia quando estava nervosa e a pensar.

— Sim, quero, se tiver algo a ver com o sexo como tu gostas. Como o Jesse gosta.

A irritação cresceu dentro de Deke. Se ele alguma vez tocasse em Kimber, e era um grande “se”, ela não estaria a pensar naquela estrela pop maricas. Estaria demasiado ocupada a vir-se.

No entanto, dizer-lhe que não estava a virar os seus tomates do avesso. Caraças, Kimber estava a entregar-se de bandeja à sua luxúria. Uma luxúria que guardava dentro de si há mais de cinco anos. Uma luxúria que gerava uma sensação persistente no caralho e lhe arranhava as entranhas exigindo ser saciada.

Inocente. Virgem. Perigo!

Estava na hora de pôr um ponto final naquilo. Kimber achava-se suficientemente adulta para lidar com uma *ménage*? Pois... Deke conseguiria assustá-la em dois segundos. E era melhor que se despachasse, antes que fizesse algo louco como agarrá-la, tocar-lhe, conduzi-la ao limite e depois enchê-la com o seu caralho.

— O sexo de que gosto não é doce, belo ou romântico, bichana. É cru, por vezes algo doloroso para a mulher. Pode exigir uma coragem de aço e muita energia.

Kimber ficou tensa, engoliu em seco outra vez. Estava nervosa — mas intrigada. A curiosidade redemoinhava nos seus belos olhos cor de avelã. Por fim, acenou.

— Continua.

Deke aproximou-se mais. Não era capaz de resistir. Agora podia sentir o seu cheiro. Pêssegos, açúcar mascavado e um toque de excitação feminina. Estariam as suas palavras a excitá-la — ou seria o facto de saber que o conseguia pôr teso que a deixara molhada?

Mais um passo em frente e Deke inclinou-se invadindo o espaço de Kimber, aproximando os lábios da orelha dela.

— No meu quarto, *ménage* significa uma mulher a levar com dois homens até atingir o orgasmo e ficar tão louca que se esquece do próprio nome e grita até deitar o telhado abaixo.

Deke afastou-se para avaliar a reação de Kimber. Esta tinha a boca aberta num arquejo, mas não emitia qualquer som. Os seus olhos abriram-se, as pupilas dilataram com igual rapidez. *Oh, merda*. A ideia agradava-lhe a um nível instintivo? O caralho dele estava pronto para dançar o tango, apesar de o seu cérebro estar a fazer os possíveis para desligar a música.

— Ajuda-me a compreender. Para ti, porquê uma *ménage*? — Kimber mal conseguia sussurrar. — Porque não fazer amor com uma mulher, sabes... só os dois?

— Dois homens conseguem deixar uma mulher de tal forma louca que esta fica disposta a fazer *qualquer coisa* pelo prazer dos seus amantes. E eu gosto de ter um lugar na fila da frente.

O rosto de Kimber ganhou ainda mais cor. O cheiro a excitação feminina pairava espesso no ar. Os mamilos dela ergueram-se, ao mesmo tempo que deslizava a língua pelos lábios, nervosa.

— Compreendo.

O estômago de Deke saltou perante a imagem daquela pequena língua rosada.

— Compreendes?

— Já ouvi falar de tais coisas. Li sobre elas. Fisicamente, compreendo como funciona. Hum... então... então e os laços emocionais?

— Laços emocionais?

Deke devia ser de Marte, porque aquela pergunta era de Vénus, sem dúvida. O que era feito da curiosidade por que estava à espera? Coisas como: onde entram os caralhos? Como é que uma mulher lida com dois homens ao mesmo tempo? A essas perguntas sabia responder. Em pormenor. Adoraria revelar-lhe tudo sobre o duplo deslizar de pilas, uma na sua rata apertada, a outra no seu cu inexperiente.

Raios, tinha de parar de pensar assim antes que as calças de ganga lhe estrangulassem a ereção.

— Como fazes para que os relacionamentos funcionem sem a interferência do ciúme mesquinho?

— Não existe nenhum relacionamento. Apenas sexo... de todas as formas possíveis, a três.

— Oh. — Kimber pestanejou, depois afastou o olhar. — Devia ter compreendido... que não és do tipo de se envolver.

— A luxúria chega-me perfeitamente. — Tudo o resto tinha um potencial catastrófico. Já tinha passado por isso — e nem queria pensar no pesadelo que se seguiria.

— Bem, contigo, a luxúria também me chega perfeitamente. E-Eu só quero aprender o que quer que tenhas para me ensinar.

Ainda?

— Estás a falar a sério?

Kimber apertou a mala e endireitou os pequenos ombros femininos.

— Percorri mais de cem quilómetros para falar contigo, um homem que já não vejo há cinco anos. Um homem que nunca gostou muito de mim. Engoli o meu orgulho para te revelar a razão por que quero fazer isto e o facto de que ainda sou virgem. Achas que me teria dado ao trabalho se não estivesse realmente determinada a aprender como agradar a Jesse e a decidir se isto é algo que quero na minha vida?

Jesse. Ali estava outra vez o nome do cretino a sair da boca dela. Estúpido filho da mãe, imitador dos Backstreet Boys. Ele e o seu *falseto* melodioso chegavam constantemente ao cimo das tabelas. Deke não fazia ideia porque é que um homem haveria de querer soar como uma mulher, com o mundo inteiro a ouvir.

— Não sou o homem certo para o trabalho, Kimber. Não o vou fazer.

Os lábios dela ficaram tensos. Os dedos apertaram-se em redor da alça da mala.

— Porque não?

— Por um milhão de razões. Não como virgens. Ponto final.

— Não pedi que me *comesses*. Na verdade, quero guardar a minha vir-

gindade para o Jesse. Não percebo porque haverias de dizer que não pelo menos a algumas explicações quanto aos... atos envolvidos.

— Porque as explicações não serão suficientes, bichana. Não saberás em que é que te meteste até estares a levar com um par de caralhos tesos.

— Diz-me o que queres dizer com isso. A levar com eles onde, exatamente? De que forma? Com a intenção de provocar dor?

A afirmação de Deke não a chocara minimamente. As perguntas de Kimber, por outro lado, deixaram-no atordoadado. Não estava assustada? Deke estava, sem sombra de dúvida.

— Não vou ter esta conversa contigo. Se queres saber mais sobre *ménages*, continua a ler.

— Como tão bem referiste, as palavras não são um bom substituto para a experiência real.

— Então deixa que o menino bonito de voz feminina te proporcione a experiência. Não serei eu.

— Como queiras. — Kimber contornou-o. — Se não me queres ajudar, deixa-me pensar... Com quem é que costumavas andar quando trabalhavas para o meu pai? Oh, Adam Catrell. Lembro-me de ouvir alguns rumores sobre ele. Ele vive perto daqui, não é? Vou à procura dele. E se ele não estiver interessado, o Justin Wheeler não era teu amigo, também? Talvez ele esteja disposto a ajudar-me. Até mais.

Kimber avançou em direção à porta.

Deke eriçou-se. *Oh, sim*. Tanto Adam como Justin teriam todo o gosto em ajudá-la — a tirar a roupa e deitar-se de costas. No entanto nenhum deles era conhecido pela sua gentileza. A virgindade de Kimber não significaria nada para qualquer um deles. Veriam um naco de carne fresca e succulenta e mergulhariam, de dentes arreganhados, como cães esfomeados.

Kimber escolheu assim... problema o dela. Deke tentou convencer-se disso.

Sim, mas se ele a deixasse sair porta fora, naquele momento, ela seria trucidada por aquele par de rottweilers famintos. Esse era um pensamento que o deixava realmente irritado. Kimber seria dominada por completo em poucos minutos... e, por uma qualquer razão, não podia deixar que isso acontecesse. Uma réstia de lealdade pelo Coronel ou algo assim.

Raios. Deke ia ter de a dissuadir de prosseguir por aquele caminho antes de a mandar embora. Cerrando os dentes, analisou mentalmente as diversas formas de o fazer. Infelizmente, estas eram limitadas. E, até ali, falar não adiantara nada.

Era tempo de agir.

Deke agarrou-lhe um braço e puxou-a contra si. Os seios dela, belos e firmes, queimavam-lhe a pele como se a sua camisa não existisse. Deke

silvou perante o contacto. *Foda-se!* A miúda sempre o afetara. Cinco anos volvidos, a sua capacidade para o afetar era ainda mais pronunciada.

Kimber arquejou quando os corpos de ambos se tocaram. O olhar dela deslizou para o dele. O reconhecimento ardia no rosto dela, brilhava nos olhos cor de avelã, dilatados. Pela sua expressão, Deke perguntou-se se aquela seria a primeira vez que ela sentia algo por ele, para além de irritação.

A possibilidade não era reconfortante.

É melhor que este plano demore três minutos ou menos...

— Espera. — Os dedos de Deke apertaram-lhe o braço antes que se conseguisse obrigar a relaxar. — Já percebi que estás a falar a sério. Estou a reconsiderar o teu pedido. Mas tem de ser uma demonstração prática.

Kimber engoliu em seco. A sua pulsação acelerou. Céus, ela não fazia ideia de como estava perigosamente perto de ser estendida sobre a bancada da cozinha e servida para o lanche.

— Está bem. Quem, hum... se juntaria a nós?

Luc aproveitou a deixa para deslizar para a cozinha, com um sorriso malicioso e um tesão impossível de ignorar. Então o seu belo primo estivera a ouvir? Deke virou Kimber para ele.

— Olá, querida — disse Luc, com a voz arrastada.

Deke sentiu Kimber estremecer nos seus braços quando o seu olhar se cruzou com o do primo dele. Lutou contra a vontade instintiva de a acalmar. A ideia era mostrar-lhe exatamente em que é que se estava a meter, fazê-lo tão depressa e tão furiosamente que a levasse a desistir sozinha do plano. Confortar a miúda era a última coisa que devia fazer.

— Tu e o Deke partilham...? — A voz de Kimber tremeu.

— Partilhamos.

Até o seu suspiro foi trémulo. Estava nervosa. *Ainda bem.* Finalmente, algo a tinha afetado. Era chegada a altura de fazer crescer a sua hesitação até esta se transformar num *não* absoluto.

Deke olhou de relance para Luc, dirigiu-lhe uma expressão de aviso e um aceno. O primo respondeu-lhe com o fantasma de um sorriso, depois avançou para eles.

Capítulo Dois

Kimber estremeceu, apesar das mãos enormes de Deke nos seus ombros, a prendê-la. A queimá-la. A ideia de dois homens parecia louca, ousada — algo saído de um romance erótico. No entanto, estava prestes a tornar-se realidade para ela. Seria capaz de lidar com isso? Poderia aceitá-lo como uma parte permanente da sua vida?

Luc avançou lentamente na sua direção, exibindo um sorriso de tubarão e um olhar faminto. A excitação e o temor erótico sugaram-lhe o ar dos pulmões. Deke tinha razão: as palavras jamais a preparariam para a realidade daqueles dois homens. Ele mal lhe tocara; Luc ainda estava a mais de meio metro de distância. A testosterona que enchia a divisão já lhe impregnava os sentidos, fazendo-lhe zumbir o cérebro. Os seus nervos crepitavam de tão quentes que Kimber estremeceu.

Sendo virgem, Kimber sentia-se algo intimidada. Contudo, não estava assustada. Nervosa... sim, mas isso não a ia parar. Tinha de saber se podia ser a mulher de que Jesse precisava, se era capaz de lidar com o toque de dois homens ao mesmo tempo. A sua calma era, provavelmente, o resultado de ter sido criada por homens concentrados nas suas missões. O medo não era uma opção. Apenas a ação.

Mas curiosidade... sim. Súbita. Como seria ter o poder cru de Deke e a delicadeza brincalhona de Luc simultaneamente dedicados ao seu prazer? Ardia por conhecer a resposta. O desejo agitava-se-lhe na barriga, juntamente com a curiosidade e o fascínio, para criar uma mistura poderosa.

Para. Engoliu em seco, lembrando-se porque é que ali estava. A resposta àquela pergunta era irrelevante. Não importava como é que Deke e Luc a faziam sentir. Kimber estava ali para aprender, pelo Jesse, para que este a visse como uma mulher. Alguém que pudesse transformar na *sua* mu-

lher quando a abraçasse e partilhasse com... Com quem é que partilhava? Membros da banda? Outros fãs? Jesse recusara-se a dar-lhe pormenores sobre a vida sexual a que toda a imprensa sensacionalista chamava sórdida e mais do que chocante.

Então Luc tocou-lhe, as mãos deslizando para as suas ancas. A pergunta dissipou-se sob o fogo lento dos dedos que a agarraram suavemente e que a viraram de novo para Deke. Por cima do ombro, o olhar de Kimber colidiu com o de Luc. Sem a largar, puxou-a contra si, encostando as costas dela ao seu peito — a ereção deveras saudável tocando-lhe suavemente.

Kimber mal teve tempo de sentir o choque escaldante e a espiral abrasadora de desejo que lhe invadia a barriga antes de os dedos de Deke se embrenharem no seu cabelo e de este lhe puxar o olhar de novo para os seus olhos azuis, a cor hipnotizante da ganga pouco desbotada.

— Kimber — rosou Deke. — Estás a brincar com o fogo, pequena. Prepara-te para arder.

Os punhos de Deke cerraram-se com mais força. Sem outro aviso, desceu.

Com um só toque da sua boca, rompeu e invadiu os lábios dela, ofuscando-lhe os sentidos, enquanto deslizava a língua para o interior da boca de Kimber e dominava tudo o que tocava. Um varrer langoroso, um deslizar demorado.

Kimber esperara que o beijo de Deke fosse rude, direto, sem qualquer concessão à sua inexperiência. Não foi assim. Faminto e exigente, sim. Mas bom. *Tão bom*. Um emaranhado selvagem de lábios, suspiros e fome.

Kimber já tinha sido beijada, mas nunca assim. Nunca sem hesitação ou sem um convite. Deke não se preocupou com nenhuma dessas coisas.

De súbito, afastou-se, deixando atrás de si um desejo que Kimber já não era capaz de combater. *Oh, céus!* E o gosto dele. Picante e masculino. Viciante. Kimber ansiava por mais.

Num só beijo, Deke despira-a de todas as defesas, virara-lhe o corpo do avesso, roubara-lhe o domínio de si mesma.

Os lábios dele tocaram de novo nos dela e Kimber abriu-se-lhe um pouco mais. Deke mergulhou, mais fundo do que antes. Provou, provocou, afastou-se. *Não!* Kimber precisava de mais e encostou as palmas das mãos às elevações sólidas do peito dele, onde sentiu um coração que batia loucamente.

Deke recompensou-a com mais uma carícia atrevida dos seus lábios, que se derreteram sobre os dela numa conquista firme, numa possessão selvagem. Embora já o esperasse, o picante deslizar da língua dele não deixou de apanhar de surpresa as suas defesas. As mãos de Kimber ergueram-se do peito de Deke para o seu cabelo. Tentou agarrar as madeixas muito curtas

com as mãos e puxá-lo para mais perto, mas o cabelo, tal como o homem em si, era esquivo. Kimber desejava. Esgatanhava. Quase sem conseguir respirar, tonta, deliciava-se com o calor que lhe redemoinhava na barriga. Os seus mamilos ficaram tensos. Selvagem. *Tão bom...*

A palma de uma mão quente envolveu-lhe o braço e subiu, deslizando numa carícia sem pressas. Luc. Quase o esquecera... No entanto, quando ele se aproximou mais, o calor do peito cobrindo-lhe as costas, o tesão encostado ao seu traseiro, tornou-se impossível de ignorar.

Com um movimento da mão, Luc afastou-lhe o cabelo do pescoço. A pressão suave da sua boca quente e da sua respiração ardente tocou-lhe em seguida, como chuva suave sobre a pele sensível. As sensações explodiram, os arrepios espalharam-se. Kimber estremeceu, mas Luc continuou. Aquela resposta feroz estimulou-lhe os sentidos, acompanhando a exigência suave, rude, do beijo de Deke.

Mãos fortes subiram-lhe pelas costas. Luc outra vez. Dedos provocantes tocaram-lhe nos lados dos seios. Sensações inesperadas foram lançadas diretamente para os seus mamilos, deixando-os mais do que tesos. Kimber gemeu — contra o beijo de Deke. Este tomou o som na sua boca ávida, inclinando a cabeça, posicionando os seus lábios sobre os dela na perfeição e escavou mais fundo, para uma permanência longa, vagarosa.

Kimber derreteu-se, gemeu. Ardia, tal como Deke avisara. Enquanto o desejo a inundava, o seu sangue atingia temperaturas abrasadoras. E ansiava. *Mais. Mais!*

Agarrando-lhe as ancas, Deke arqueou o corpo sobre ela, pressionando a impressionante ereção contra Kimber, num movimento deliciosamente sugestivo do sexo. Não a acalmou — inflamou-a, apenas. Kimber gemou.

Dobrando os joelhos, Deke agarrou-lhe as coxas e ergueu-a do chão. Kimber mal teve tempo de arquejar antes de Deke a voltar a empurrar contra Luc, cuja pila fazia agora ainda mais pressão contra ela. No entanto ainda não tinha terminado.

Deke arrancou-lhe as calças e a tanga, depois afastou-lhe as pernas, segurando-as bem abertas com as mãos enormes. Luc ajudou-o, suportando os joelhos dela na curva dos braços, o que a mantinha aberta para o primo. Com o coração a bater tão veloz que não conseguia ouvir mais nada para além do seu bater frenético, Kimber assistiu enquanto Deke a observava, completamente aberta, como um convite vivo àquele homem cujos olhos azuis-escuros tremeluziam com um calor tórrido.

Deke fez uma pausa, esperou. Fitou. Levou-a à loucura com a expectativa e o desejo ardente.

— Deke...

— Mantém-na aberta — disse este a Luc.

Depois deslizou entre as coxas afastadas e encaixou a pila coberta de ganga mesmo entre as pregas húmidas dela. De forma íntima. Com o contacto, o clítoris de Kimber saltou, pulsando em seguida, ávido. Deke agarrou-lhe as ancas, retirando-a das mãos de Luc. Prendeu-lhe as pernas em redor das suas ancas e balouçou-se contra ela mais uma vez. Kimber gritou. A masturbação nunca tinha sido tão aguda ou intensa. Decadente. Avassaladora.

Antes que conseguisse assimilar tudo aquilo ou pensar para além do toque seguinte, as mãos de Luc deslizavam das suas costas para o seu abdómen, subindo em seguida. Sempre para cima. Luc envolveu-lhe os seios com as palmas das mãos quentes. Kimber derreteu-se num longo gemido. Os polegares e os dedos indicadores dele beliscavam-na suavemente, mas a descarga de desejo atravessou-a até ao clítoris. Os seus mamilos tornaram-se dolorosamente tensos sob o toque de Luc e este deslizou por eles os polegares.

Kimber demorou um instante a perceber que Deke observava enquanto Luc a acariciava, o seu olhar quase negro de fome. Um rápido olhar de relance e aqueles olhos ardentes prometeram devorá-la. Uma necessidade espessa deslizou através da barriga de Kimber, rasgando-lhe as entranhas com a afiada lança da excitação.

— Tem de sair. — Deke levou uma das mãos ao botão inferior da blusa de Kimber.

— Agora — concordou Luc e, juntos, pousaram-na sobre a bancada.

Um instante depois, Luc apoderou-se do botão superior e concentrou-se nele. Mãos masculinas dedicavam-se aos seus pequenos botões, praguejando, expondo-a aos seus olhares devoradores tão depressa que ela mal conseguia assimilar o que se estava a passar. Kimber observou, num torpor, a pele demasiado tensa sobre o corpo dorido de desejo até todos os botões se terem libertado das suas casas. Enquanto Luc puxava a blusa por um dos ombros, Deke removia-a do outro lado e erguia o olhar para o dela.

Intenso. Feroz. Determinado. A mão do desejo apertou-lhe a barriga, impedindo a passagem do ar, impedindo qualquer pensamento racional...

Com a respiração quente no pescoço de Kimber, fazendo-a estremecer, Deke levou as mãos às costas dela e desapertou-lhe o soutien com um único movimento dos dedos. *Oh pá! Oh, raios.* Completamente nua. Aquilo estava a ficar sério. E avassalador... sabia demasiado bem. Kimber não conseguia parar. Não ainda. Em breve...

— Oh! — gritou quando a boca de Deke lhe cobriu um seio, os dedos raspando ao de leve no mamilo até os arrepios gritarem ao longo das terminações nervosas entre os seus seios... deslizando até ao clítoris suplicante. A sensação duplicou quando Luc beliscou a outra protuberância

sensível ao mesmo tempo que lhe afastava os lábios e se aproximava para um beijo.

Era mais do que um beijo; era uma sedução sem palavras. Luc era um artista, um mestre. Não se apressava nem exigia. Adulava, brincava, prometia com um quente varrer da língua, apenas para recuar e a deixar cheia de desejo. O seu beijo seria, só por si, suficiente para a fazer perder a cabeça e derreter como cera quente. Quando acompanhado com a ereção contra a sua coxa, as sensações geradas eram simplesmente comburentes.

Deke continuava a beijar o seu mamilo, passando para o outro, afastando os dedos de Luc para poder tomar a protuberância sensível na boca com uma forte sucção, uma dentadinha suave, uma lambidela, ao mesmo tempo que pressionava aquela aresta de carne, dura como ferro, contra o seu clítoris latejante.

Desta feita, a boca de Luc absorveu os seus gritos. A provocação quente do seu beijo engoliu o som e pediu mais. E ela entregou-lhe de bom grado um novo arquejo quando Deke lhe tocou mais uma vez no sítio certo, ao mesmo tempo que lhe sugava o mamilo com uma rude ferocidade. Depois Luc avançou para o golpe de misericórdia, um beijo de suave exigência que a impregnou com uma sublime descarga de prazer. Os lábios dela vibravam quando se afastou para respirar roucamente. Uma corrente elétrica de prazer corria entre os seus seios e a sua vagina, acendendo todo o seu corpo.

— És como açúcar na minha língua — elogiou Luc, encostando o nariz ao pescoço de Kimber, um dos polegares deslizando pelo mamilo distendido, ainda molhado da sucção de Deke. — Doce, enquanto te dissolves.

A boca talentosa deslizou pelo maxilar de Kimber, percorreu-lhe a face, parando para se apoderar de novo dos seus lábios e mergulhar bem fundo. Luc inflamou-a com o seu beijo, deixando-a mais quente, levando-a mais alto, prometendo silenciosamente, a cada toque, que lhe traria satisfação — a seu tempo. À sua maneira.

Para aumentar o crescendo de sensações, Deke continuava a estimular-lhe o clítoris com movimentos constantes, carregados de fricção, que a incendiavam da cintura para baixo. Beliscava-lhe os mamilos, torcia-os, virava-os, fazendo-os inchar ainda mais, levando ainda mais alto os seus sentidos. Quando Kimber ofegou, apertou os braços de Deke e jurou que estava prestes a vir-se, este recuou. Luc fez o mesmo.

Kimber gritou de frustração.

Deke dirigiu-lhe um sorriso implacável e deslizou um dedo pelo mamilo sensível.

— Queres mais, bichana?

Ele estava a brincar com ela. *Eles* estavam a brincar com ela. Contudo, nesse momento Kimber não quis saber. Nunca sentira nada como o prazer

com que Luc e Deke a estavam a saturar. As sensações eram como areias movediças, afogavam-na. Quanto mais se contorcia, mais se afundava. E estava a adorar.

— Por favor. — A palavra escapou-se-lhe da boca num arquejo.

No seu fôlego seguinte, Luc depositou um dos seus beijos devastadores na boca de Kimber. Deke continuou com a rítmica fricção da sua pila contra o clítoris dela, as impiedosas mordiscadelas nos mamilos.

A cada toque, novas sensações escorriam sobre ela como mel quente — que depressa se transformava num relâmpago, líquido e escaldante. Kimber flutuava, afundava-se, suplicava...

— Mais. — A palavra escapou-se-lhe, aspirada e urgente.

Deke avançou, beijando, para lá dos seus seios, respirando sobre o pescoço dela. Kimber estremeceu e Luc aplicou-lhe mais um beijo assombroso. A boca daquele homem parecia dizer, com cada movimento da língua, que desejava algo que só ela lhe poderia dar. Ilusório, mas, oh, tão eficaz. Assim que conseguia deitar a boca a uma mulher — Kimber estava disposta a apostar —, nenhuma lhe conseguia dizer que não.

Por mais maravilhoso que fosse, quando Deke lhe mordeu o lóbulo da orelha e a envolveu com os seus braços, a sensação tornou-se ainda mais intensa. Kimber arqueou o corpo contra o peito duro, esculpido, odiando de súbito a camisa de Deke — qualquer camisa — que estivesse entre a pele dele e a sua.

Kimber nunca imaginara que pudesse desejar tanto um homem que a irritava tanto. Mas desejava. *Porquê?*

— O que é que queres mais? — O sussurro sedoso de Deke deslizou pela coluna dela, depois instalou-se no ponto deveras molhado que mais ardia por ele.

Como é que ele tinha feito aquilo? Como é que conseguia, apenas com um sussurro, ir direito ao seu clítoris?

Luc ergueu a cabeça para ouvir a resposta dela.

— Sabe tão bem... — foi tudo o que ela conseguiu sussurrar em resposta.

Duvidava que fosse capaz de dar, a qualquer um deles, pormenores que ainda não conhecessem por si mesmos.

— Pode ser melhor — sussurrou-lhe Luc junto ao outro ouvido.

Melhor? Deus me ajude...

Por norma, Kimber era feita de um material mais forte. A única disputa que nunca ganhara aos irmãos, nem que fosse uma única vez, era ver quem conseguia mijar mais longe. Dor, copos, velocidade, endurance — vencera-os pelo menos uma vez.

Contudo, aquele prazer estava a esmagar a sua força de vontade.

— Se quiseres mais, dar-te-emos mais. Quero deitar-te de barriga para

baixo na bancada da cozinha e ver o Luc a lambe-te a rata enquanto tu me chupas.

Com os olhos toldados pelo prazer, Kimber olhou de relance para a bancada da cozinha. Conseguia imaginar a cena. Com demasiada facilidade. Nunca fizera um broche a um homem mas estava disposta a tentar. De facto, adoraria deixar o Sr. Valentão com os joelhos fracos. E se o beijo de Luc era divinal, só podia imaginar como devia ser fabuloso no sexo oral.

No entanto, o tom de desafio nas palavras de Deke incomodou-a. Será que continuava a pensar que ela estava com medo?

— Está bem — murmurou.

— É melhor ouvires primeiro tudo aquilo com que estás a concordar.

— Deke — interveio Luc, franzindo o sobrolho.

O borracho e meio de músculos louro silenciou-o, erguendo uma mão.

— Ela devia ouvir tudo.

Concentrando-se de novo nela, Deke agarrou-lhe o rosto e obrigou o seu olhar a fixar-se no dele.

— Depois quero levar-te para a cama e ver o Luc a afundar-se até aos tomates na tua rata, enquanto arquejas, gritas e te vens. Entretanto, vou penetrar o teu doce cuzinho, para que ambos te possamos foder. Juntos. Com força. A noite toda. Até estares dorida, espremida e exausta.

O calor e o receio cortaram através dela ao mesmo tempo. A ideia atraía-a de uma forma proibida. Nunca tinha fantasiado sobre estar com dois homens... mas agora bem que o podia fazer. Aqueles dois eram capazes de dar prazer, sem dúvida. Contudo, ela queria preservar a sua virgindade — por muito que o seu corpo desejasse o contrário.

Ainda assim, havia algo nas palavras de Deke que a incomodava. Parecia que ele só a queria... usar. Como se ela pudesse ser uma qualquer rapariga que ele tivesse engatado num bar e levado para casa para uma rapidinha.

— Depois vamos foder-te outra vez — continuou Deke com a sua voz aérea. — Dormimos uma hora e fodemos-te mais uma vez, com tanta força e tão profundamente que não serás capaz de andar nem de te sentar durante uma semana. Que me dizes, bichana? Ainda queres dizer que sim?

A expressão no rosto dele era a de um predador puro. Deke queria. Queria foder. Nada mais. Não se podia estar mais nas tintas para a ajuda que ela lhe pedira.

Kimber engoliu em seco, tentando processar o desejo, a raiva e a confusão. *Separa os factos das emoções.* O seu pai ensinara-lhe isso. Do seu ponto de vista, Deke parecia uma besta, provando que talvez estivesse certa nas suas primeiras impressões.

— Vim ter contigo para te pedir um verdadeiro favor e tu ages como se só estivesses à procura de uma queca fácil de que pudesses abusar.

Deke encolheu os ombros.

— Favor... foda. É o mesmo neste caso. Se me conseguires acompanhar, e ao Luc, durante uma noite, talvez estejas pronta para o que quer que o teu cantor bonitinho te possa fazer. Estás pronta?

— Primeiro, planeio guardar a minha virgindade para o Jesse. Disse-te isso.

— Como queiras. Suponho que o teu cu e o teu maxilar fiquem superdoidos, mas consigo viver sem rata. E tu, Luc?

O olhar de Kimber saltou para o homem alto, moreno, sedutor. Este fez uma longa pausa.

— Jamais tiraria algo que a Kimber não me quisesse dar.

— Vês? — Deke dirigiu-lhe um sorriso apertado. — Então está tudo combinado. Salta para cima da bancada.

Kimber viu-o pousar os dedos no botão de cima das calças e, com um movimento do pulso, abri-lo, revelando um pouco da pele dourada do seu abdómen ondulante.

O nervosismo instalou-se. Tretas. Atacou-a como uma matilha de lobos meio famintos, mordiscando impiedosamente a sua coragem. Deke estava à espera que... ela se limitasse a saltar para cima da bancada como se se estivesse a oferecer para o lanche? Achava que ela ia abrir as pernas e que ele ia enfiar a pila na boca dela e... não!

Não tinha ido até ali para serem felizes para sempre. No entanto, pensara que eles lhe podiam explicar como é que funcionava aquele tipo de sexo. Que, se houvesse necessidade de trocarem carícias, eles avançariam com calma, garantiriam que ela estava confortável. Que o prazer seria algo que ela daria e receberia. Não que seriam brutos, rudes e que a tentariam afugentar.

Kimber compreendia o que Deke dissera sobre o facto de as palavras não serem suficientes. No entanto, agora que o seu corpo estava a arrefecer — mais a cada palavra pronunciada por ele —, a lógica voltava a impor-se.

— Segundo — prosseguiu —, não gosto da tua atitude. Ages como se eu pudesse ser uma qualquer. Como se, desde que eu tenha um... buraco molhado de uma qualquer natureza em que possas entrar, isso te deixasse satisfeito.

Deke fez uma pausa, parecendo pensar.

— Estás a ser bastante precisa. Tu aprendes. Nós vimo-nos. Todos ganham. Sobe para a bancada.

Agora ele achava que lhe ia dar ordens?

Kimber observou enquanto Deke levava a mão ao fecho-éclair. Luc ti-

rou a t-shirt por cima da cabeça e atirou-a para o chão, expondo caracóis de pelo preto no peito e quilómetros de músculos firmes cobertos por uma pele cor de azeitona.

O bater frenético do seu coração e a respiração descompassada assinalavam algo mais profundo. *Medo. Sim, ali estava ele.* Violento e implacável. Independentemente do que o seu pai lhe ensinara, não ia desaparecer. Kimber não podia continuar a avançar perante aquilo. Se deixasse, eles deitá-la-iam, usariam cada parte de si até a deixarem perto da exaustão, depois mandá-la-iam embora sem olhar para trás. Esmagá-la-iam e esperariam que fosse capaz de os acompanhar. Seriam rápidos e furiosos. Atacar, comer, foder. Luc talvez se preocupasse com o facto de ela ser inexperiente — talvez; não o conhecia o suficiente para ter a certeza. Deke deixara bem claro que só o via como a perda de uma rata e que contornaria a questão.

Sacana!

Kimber agarrou as roupas que se encontravam sobre a bancada, saltou para dentro das calças e puxou a blusa sobre os seios. Agarrou-se à roupa interior como se se tratasse de uma tábua de salvação.

— Vim ter contigo para te pedir um favor.

Raios, odiava o estremecimento na sua voz.

— E temos dois caralhos tesos prontos para te conceder esse favor — garantiu Deke. — Tu coças as nossas costas, nós coçamos as tuas. Sobe para a bancada.

— Não. Vim ter contigo porque pensei... — Kimber abanou a cabeça. — Sempre foste um sacana para comigo quando trabalhavas com o meu pai, sempre distante. Mas nunca me pareceste cruel e mercenário. Como estava enganada.

Luc avançou.

— Kimber...

— Fica onde estás! — Kimber recuou. — Ele tratou-me como se eu fosse uma prostituta desprezível e tu ias deixar que o fizesse.

— Eu...

— Tu ofereceste-te como uma — interrompeu Deke. — De que estavas à espera?

— Vai para o inferno! — Kimber virou-lhes as costas e enfiou o soutien e a tanga no bolso.

— Estou pronto, bichana. Estou tão teso que o resto do meu corpo está a perder sangue. Tens a certeza que não queres ficar e dar-me uma mãozinha?

A lata inacreditável do sacana!

— Tens uma palma e cinco dedos. Arranja-te.

Kimber saiu porta fora. O som da porta da frente a bater reverberou

pela pacífica tarde do Texas Oriental até ela deixar a borracha no alcatrão e acelerar para longe.

— Encontraste-a? — perguntou Luc, a irritação sonora e clara. Maldito sinal perfeito do telemóvel digital. Nos velhos tempos do analógico podia fingir que não o tinha ouvido.

— Sim.

Deke tinha encontrado Kimber, de facto. E, tal como fazia aos dezasseite anos, tinha-lhe dado tantos nós no estômago que um escuteiro da família do Houdini não os teria conseguido desatar.

— Vais pedir desculpas por a teres assustado e garantir que ela não se mete em problemas — recordou Luc.

Deke não o queria fazer. Não queria. No entanto, como Luc tão racionalmente salientara, assustar Kimber não passava de uma solução temporária para um problema que não ia desaparecer só porque ele queria. Kimber era demasiado tenaz para se limitar a desistir. Haveria de encontrar outra pessoa que a ajudasse na sua demanda para apanhar Jesse McCall — alguém que, na melhor das hipóteses, lhe provocaria desconforto porque não saberia que raio estava a fazer. Na pior, alguém que se aproveitaria dela e a magoaria.

O Coronel mataria Deke se lhe acontecesse alguma coisa porque tinha dado um nó na pila. Além disso, o velho dela era assustador. Um FDP rijo. Mau quando era preciso. Não que aprovasse que Deke e Luc introduzissem o seu bebé aos prazeres do sexo anal... mas, por uma qualquer razão, calculava que o Coronel preferisse essa hipótese à de Kimber engatar um qualquer desconhecido num bar e fazer... nem conseguia pensar no que ela poderia fazer com dois outros tipos. Agarrou a mesa de madeira à sua frente e não a largou até a ouvir estalar.

No entanto, não era o antigo patrão que agora o motivava. Era a própria Kimber. Outrora tivera fantasias vívidas sobre ela, ótimas para bater uma. No entanto, a realidade era bem mais forte, como comparar uma rabanada de vento a um furacão de nível cinco. Kimber tinha o gosto da inocência açucarada. Doce na sua boca. Tão terrivelmente perfeita. Luminosa nos seus braços, como um dia de verão. Kimber era calor branco, pele suave e...

Céus, alguém que o ouvisse. Absolutamente patético, a falar sobre a rapariga como se fosse Keats ou algo assim. *Raios*.

Havia, contudo, um facto de que não podia escapar: Kimber era a única tentação que, por muito que odiasse admiti-lo, poderia ser mais forte que o seu autocontrolo. Devia pô-la a andar o mais depressa possível, antes

que a engolissem inteira, como uma cobra engole a sua presa. Antes que a destruísse. No entanto, ela não ia desistir da sua demanda e ele não ia deixar que qualquer outra pessoa a ensinasse.

Suspindo, juntamente com um palavrão curto e feio, Deke levou a garrafa de cerveja à boca e engoliu. E observou.

Naquele momento, Kimber estava na pista de dança do bar de Adam Catrell, The Hang Out, agitando as belas ancas ao som de uma música de Shakira sobre essa mesma parte da anatomia. Com as coxas expostas por uma saia tão curta que era quase indecente, uma faixa da pele pálida da barriga visível, Kimber dançava — ensanduichada entre Adam e o irmão deste, Burke. O bar estava cheio de fumo, apinhado e a ficar ruidoso. E, apesar de tudo isso, era impossível para Deke não ver a luxúria no rosto dos dois irmãos.

— Estás a ouvir-me? — ribombou Luc.

Deke apertou o telefone com mais força.

— Foste bem claro a noite passada, primo. Vou fazer de *Sir Galahad* e salvar o dia.

— Não te esqueças da parte em que pedes desculpas.

— Deixa-me em paz.

Luc suspirou.

— Diz-lhe que a vamos ajudar. Com simpatia. Nada de referir que vamos usar o cu dela com tamanha brutalidade que não será capaz de se sentar durante uma semana.

Deke estremeceu. Tinha-a tratado mal, na esperança de a dissuadir daquela ideia tola, irrefletida. Luc sabia-o, mas que Deke o admitisse em voz alta só lhe daria mais munições. Já tinha a razão do seu lado...

— Estás a abusar.

— Tu é que estás a abusar. Estás a afastar a Kimber quando ela não fez nada senão pedir-te um favor. E um favor que estamos ambos mortinhos por conceder.

— Raios, sim, afastei-a. Ela é virgem.

— Ela não é a Heather.

Aquilo era um golpe baixo. Deke apertou o telefone, irritado com o quão baixo descera a conversa em tão pouco tempo.

— Ela não tem nada a ver com isso. A Kimber só não faz o meu género.

Luc riu-lhe ao ouvido.

— A sério? Quem é que faz o teu género?

Deke fez uma pausa. Raios, quase não se conseguia lembrar do nome de mais nenhuma mulher de tanto pensar em saltar para cima de Kimber.

— Alyssa Devereaux.

— Aquela loura, dona do clube de *strip* com seios *Tupperware*?

— Ela não é nenhuma prostituta — protestou Deke sabendo, das suas anteriores discussões, que era exatamente isso que Luc pensava.

— Talvez, mas tu não queres mesmo a Alyssa. Ela não te quer a ti.

— Quer-te a ti. — Um facto que irritara Deke quando vira Alyssa pela última vez, há alguns meses.

— E eu não estou interessado. Além disso, só te estás a tentar convencer que a queres porque achas que ela é “segura”.

— Quero-a porque ela é *sexy* e ouvi dizer que faz uns broches de morrer.

Luc fungou.

— Queres tanto a Alyssa que a noite passada bateste uma e gemeste o nome da Kimber. Ouvi-te através da parede.

Deke sentiu um rubor a invadir-lhe o rosto.

— Investe numa merda de uns tampões para os ouvidos. Sim, a Kimber deixou-me em brasa. E depois? Ela é virgem. Meu, estou-te a dizer, elas só trazem problemas.

— Já estive com uma virgem. É uma experiência muito bela. Elas não trazem problemas; a Heather trazia.

— Deixa-a fora disto.

— Não! Correste com a Kimber porta fora com um chorrilho de palavras feias por causa da Heather. Deke, tu não foste responsável...

— Todos sabemos que fui. Vivo com esse facto todos os dias. Muda de assunto — rugiu. — Agora.

— Acho que estás enganado. — Luc suspirou. — Mas eu paro de falar nisso se fores falar com a Kimber. Lhe pedires desculpa. Lhe disseres que a vamos ajudar.

Deke deu mais um longo gole na sua cerveja, enquanto via Burke Cattrell a agarrar as ancas de Kimber e a abanar o caralho contra o cu dela. Aparentemente, o sacana estava com vontade de ficar com o nariz algures no meio da testa. Deke teria todo o gosto em fazer com que isso acontecesse se ele não tirasse as mãos dela. Sentia o sangue a começar a ferver e a raiva que crescia dentro dele quase lhe chegava aos olhos, pronta para se apoderar do cérebro.

— Ela parece ocupada com outras coisas — rosnou Deke para o telefone.

— Mas foi ter contigo primeiro.

Sim, fora. Maldito fosse Luc e a sua lógica. Além disso, tendo em conta os olhares de relance que Kimber lançava, continuamente, na sua direção, supunha que ela estivesse a dar aquele espetáculo por causa dele.

— Ultrapassa esse teu ataque de mau génio — disse Luc — e toma a atitude correta.

— Se a levar para casa, vou acabar por foder com ela. Vamos os dois. — Suspirou pesadamente. — Sabes disso.

Deke queria entrar dentro dela. *Muito. Mesmo muito.* Não apenas no seu cu, embora fosse gostar disso. Não apenas na sua boca, embora tivesse a certeza que um broche de Kimber e da sua sensual boca cor-de-rosa seria incrível. Queria-a — por inteiro — e desconfiava que contornar a sua rata, simplesmente, não seria uma opção.

— Respeitaremos os seus desejos, sejam eles quais forem. Se mudar de ideias, ótimo. Se não, teremos de viver com isso. E tu estás a arranjar desculpas.

De certa forma, Deke supôs que fosse verdade. A seu ver, aquilo eram verdades. Deke não devia ensinar Kimber sobre sexo. Ia querer apoderar-se da sua rata, caso ela regressasse a casa deles. Kimber deixava-o completamente louco de desejo e o seu autocontrolo estilhaçar-se-ia. Além disso, assustava-o como o caraças. E se o passado se repetisse? Ela não era Heather... mas estava perto.

Apesar de tudo isso, não conseguia manter a distância.

Recusando-se a permanecer imerso nessa realidade, Deke ergueu a garrafa e esvaziou-a. Depois bateu com ela na mesa.

— Está bem, cá vou.

— Trá-la para casa.

Para casa. Como se ela lhes pertencesse. Como se a pudessem reclamar como se fosse um gatinho perdido. Era o que Luc queria. O primo já ouvia os sinos da igreja e os bebés a chorar, uma agradável banda sonora para a fantasia caseira em que ele, Luc e a rapariga dos seus sonhos, viviam felizes para sempre. Deke fungou.

No entanto, empurrou a cadeira para trás, levantou-se, fitando Kimber enquanto esta dançava uma rumba para maiores de dezoito com os irmãos Catrell. Com um olhar carrancudo e desejoso de arranjar confusão, atravessou a sala.

Capítulo Três

Na pista de dança, o irmão Catrell mais velho voltou a tentar agarrá-la. Kimber rodopiou, virou-se agitando as ancas, ao mesmo tempo que se afastava dele. Esquecera-se de como se chamava. Oh, era elegante. Na verdade, muitíssimo bem-parecido. Olhos azuis, cabelo cor de areia, um corpo tonificado. Noutros tempos, talvez se tivesse sentido atraída por ele mas, agora, aprender como agradar a Jesse, para que pudessem viver felizes para sempre, era a sua missão. Determinar se as *ménages* eram algo com que podia lidar era fundamental.

Contudo, um outro homem, um homem com cabelo à escovinha, olhos famintos e um passo furioso, tinha chamado a sua atenção de uma forma sombriamente fascinante, tal como acontecera cinco anos antes.

Oh-oh. Deke estava, sem dúvida, a avançar na sua direção. Que raio queria ele? No dia anterior, em sua casa, fizera os possíveis para a humilhar. Estar-se-ia a preparar para o segundo *round*?

De súbito, Adam Catrell envolveu-a com um braço e puxou-a para si, baixando a cabeça na sua direção. O primeiro instinto de Kimber foi entrar em pânico. Estaria ele a pensar beijá-la, ali, no meio da pista de dança? Kimber não o conhecia. Como descobrira trinta segundos depois de ter começado a dançar, nem sequer o desejava. Muito menos com toda a gente — como Deke — a olhar.

— Tens alguma coisa com o Deke? — gritou-lhe ao ouvido, por cima da música.

— N-Não.

Não que conseguisse esquecer aquela tarde na cozinha dele, quando Deke e Luc a beijaram e... Era melhor esquecer. Ou tentar. Deus sabia que, até então, não tinha tido grande sorte.

De certa forma, a culpa era dela. Em retrospectiva, compreendeu que os

militares não tinham sido feitos para a eloquência, mas para a força bruta. Tentara dizer que não ao seu pedido. Quando ela insistira, Deke deixara de falar e limitara-se a agir, assustando-a, intencionalmente, com as suas rudes palavras.

Raios, como tinha resultado!

Depois, Kimber multiplicara o seu erro indo até ali e presumindo que, se estar com Deke e Luc a tinha excitado, sendo “educativo” ao mesmo tempo, então estar com Adam e... Brad-Brian-Brock-seja qual for o nome, seria igualmente agradável.

Não. Quase desde que começara a dançar que Kimber queria sair dali. Contudo, fugir como uma cobarde enquanto Deke assistia, simplesmente não era uma opção. Com os pensamentos a rodopiar como uma bailarina de salsa sob o efeito de anfetaminas, Kimber tentou decidir qual seria o seu passo seguinte.

Nesse momento, Deke levantara-se da cadeira e avançara na sua direção, parecendo mais do que pronto para tirar a decisão das suas mãos.

Kimber lançou mais um olhar na direção de Deke. Céus, já estava perto. Suficientemente perto para que conseguisse ver um músculo a saltitar no maxilar, enquanto o seu olhar afiado se concentrava na mão de Adam, pousada na parte inferior das suas costas, quase lhe tocando numa das nádegas.

— Não estás envolvida com o Deke? Suponho que ele não veja as coisas dessa forma. — Adam ergueu a cabeça, embora não tivesse afastado a mão, e virou-se para saudar o amigo mútuo deles. — ‘Tão, Trenton. O que é que te traz ao The Hang Out, meu?

— Uma questão pendente com a Kimber. — Deke virou para ela o desconcertante olhar azul-ganga. — Podemos falar lá fora?

Deke tinha dado às suas palavras a entoação de uma questão, mas o seu olhar dizia-lhe que não estava a perguntar de todo.

Kimber engoliu em seco. Envergando um par de calças de ganga justas, botas pretas, uma t-shirt caqui com a palavra “army” gravada a preto sobre o sólido peitoral esquerdo e um olhar firme e exigente, Deke parecia um homem numa séria missão pessoal. Tudo no seu comportamento apoiava tal conclusão. Não tinha saudado o amigo e mal respondera à pergunta de Adam. Não dissera olá a nenhum deles. Nada de cumprimentos; fora simplesmente direto ao assunto.

Que mais teria para lhe dizer que não lhe tivesse dito no dia anterior, na cozinha? Com poucas palavras, tinha conseguido irritá-la e assustá-la ao mesmo tempo, e ela fugira como uma miúda que não sabia onde se estava a meter. Precisamente aquilo que ele dissera que ela era. Tendo em consideração que não havia nada na sua expressão que se assemelhasse a um pedido

de desculpas, Kimber não conseguia imaginar o que poderia Deke ter em mente, para além de mais humilhação. *Não, obrigada.*

— Ontem disseste o suficiente. Não temos mais nada sobre o que falar.

— Temos, sim.

— Estou ocupada a dançar.

Kimber virou-se, mais uma vez, para o irmão de Adam... Brett? Buck? Algo assim.

Dirigiu um sorriso ao louro dono do bar e abanou as ancas — demasiado consciente do olhar de Deke fixo nas suas costas.

Mal o irmão Catrell sem nome lhe devolveu o sorriso, a música terminou. O DJ anunciou os *shots* de gelatina especiais e a sua intenção de fazer uma pausa.

Deke agarrou o pulso de Kimber e fê-la girar de forma a ficar de frente para ele, arqueando uma sobrancelha dourada.

— Agora não estás a dançar.

Raios! Kimber pousou as mãos nas ancas.

— Então, diz o que tens a dizer.

— Lá fora.

O tom de comando na sua voz fez levantar os pelos do pescoço de Kimber.

— Isto vai demorar muito?

— Não.

— Então diz de uma vez e vai-te embora.

Deke hesitou.

— Acho que não queres ter uma audiência.

Ou Deke não queria. Por razões que Kimber só podia tentar adivinhar, Deke não queria que os irmãos Catrell, que agora o fitavam intensamente por cima dos ombros dela, ouvissem o que estava prestes a dizer. Se dissesse mais daquelas imundices que lhe cuspira há apenas vinte e quatro horas, sairia dali a cheirar a merda. Deke deveria sabê-lo... ou talvez não soubesse. Dificilmente se podia considerar Deke um mestre das elegâncias sociais. A oportunidade de lhe dar corda suficiente para se enforcar sozinho fê-la sorrir.

— Não me importo. Diz.

— Está bem. — Deke encolheu os ombros. — Ontem, quando o Luc e eu te deitámos, nua, em cima da bancada da cozinha, com a boca...

— Para! — arquejou Kimber, sentindo um calor furioso a invadir-lhe, velozmente, as faces.

O irmão cujo nome não se conseguia lembrar soltou uma gargalhada abafada junto à sua orelha.

Deke sorriu, com um ar satisfeito consigo mesmo. *Sacana!* Tinha ido

preparado para lutar sujo e lançara-se diretamente à jugular. Como é que Kimber não se apercebera?

— Ela pertence-te e ao Luc? — perguntou Adam a Deke.

— Sim.

— Nem pensar! — deixou ela escapar ao mesmo tempo.

O músculo no maxilar de Deke voltou a saltar.

— Vem comigo até lá fora para podermos discutir isto.

Será que aquele homem não sabia quando desistir?

— Não te pertences nem ao teu primo, não me vou voltar a aproximar da bancada da tua cozinha e de certeza que não vou lá para fora contigo.

— Vim até aqui para te dizer uma coisa que acho que queres ouvir.

— Não estou interessada em ser mais um buraco molhado e estou demasiado lixada para me importar.

Num segundo, Deke estava a mais de meio metro de distância, sem tocar em qualquer parte dela. Um piscar de olhos depois, já invadira o seu espaço pessoal e pairava mesmo à sua frente, um braço a envolver-lhe a cintura, o outro preso no cabelo que lhe caía até meio das costas.

— Não vou voltar a pedir. Anda até lá fora e fala comigo ou vou-me sentar na cadeira mais próxima, puxar essa saia minúscula por cima do cu e espancar essas lindas nádegas até ficarem vermelhas, com toda a gente a ver.

Kimber não desperdiçou o fôlego necessário a dizer “Não te atreverias.” Sabia que sim.

A irritação envenenava-lhe os pensamentos. Deke era um FDP despótico. Contudo, só de o imaginar, sentiu a barriga a agitar-se com algo... Não, aquilo *não* podia ser excitação.

— Não tens o direito.

Deke encolheu os ombros.

— Eu vou gostar, isso é certo.

Adam abriu caminho entre eles.

— Por muito que eu gostasse do espetáculo, violência e nudez não são permitidos no bar, malta. Vão ter de continuar a conversa lá fora.

Kimber girou para se virar para ele, de queixo caído. O idiota ia deixá-la partir e entregá-la aos lobos, com uma só frase? Já devia estar à espera que os homens se mantivessem unidos.

— Sabem que mais? Vão-se lixar... todos vocês. Vou para casa.

Os irmãos Catrell riram-se. Com o sangue a ferver de raiva, Kimber avançou a passos largos para a saída.

Bestas, todos eles! Além disso, não era suficientemente estúpida para acreditar que Deke ia deixar as coisas assim. Ia segui-la; conseguia senti-lo, cerca de dois passos atrás de si. Maldito fosse.

Quando chegou à porta do bar, a música recomeçou. Kimber procurou o pior e maior segurança do trio que aguardava junto à porta e sorriu-lhe.

— Podes acompanhar-me ao carro? Estou a ser seguida. — Kimber lançou um olhar maldoso por cima do ombro na direção de Deke.

— Oh, querida — trauteou Deke, envolvendo-a com um braço. — Não te zangues.

Antes que Kimber lhe pudesse dizer onde enfiar o comentário e conseguisse informar o segurança de que aquele homem não passava de um estranho irritante, de um perseguidor perturbado — qualquer coisa —, Deke puxou-a contra ele, baixou a cabeça e encurralou todas as palavras furiosas que se tinham juntado na ponta da língua dela com um beijo escaldante.

Kimber debateu-se mas, passados alguns segundos, não havia mais nada para além de Deke.

Aquele homem quente, carregado de persuasão, impregnado de pecado, invadiu-lhe os sentidos. A boca dele aliciava a dela. Kimber tentou resistir. Tentou mesmo. Apesar da raiva que redemoinhava através dela, Deke suscitou um salto familiar na sua pulsação, uma onda de desejo que afogou os seus protestos. Com um toque dos lábios, uma lenta carícia da língua, o suave deslizar da palma da mão pelas costas dela, Deke envolveu-a em desejo — e não se tratava apenas do dela. O do próprio Deke era tão tangível que ela conseguiu sentir o gosto picante da excitação dele na sua língua.

O beijo dele fê-la derreter com a urgência reprimida do seu próprio desejo, suavizado num emaranhado de lábios, suspiros e línguas de que jamais julgara Deke Trenton capaz. Fora do tempo, leve, incapaz de pensar, Kimber deixou-se arrebatado pelo poder do beijo de Deke, que lhe acelerou o coração e aqueceu o corpo.

Até ele lhe ter mordiscado o lábio, o ter acalmado com uma terna lambedela; depois deslizou ao de leve com a sua boca sobre a dela. Sem pensar, Kimber inclinou-se para ele, procurando mais beijos, mais contacto, mais dele.

Deke agarrou-lhe os ombros.

— Desculpa por ontem. Vem para casa comigo, bichana.

— Tenham uma boa noite, malta — disse o segurança com um sorriso provocante.

Enquanto Kimber tentava pensar numa boa resposta, Deke pegou-lhe na mão e levou-a para o exterior, para a húmida noite de verão.

Um carro deslizou para o parque de estacionamento, os faróis subindo e descendo na estrada de terra batida e acelerou para o lado mais afastado. Algures nas redondezas, um par de rãs coaxava. Os grilos cantavam e os mosquitos zumbiam, ao mesmo tempo que as luzes de halogéneo do par-

que de estacionamento se combinavam com a Lua cheia para lançar sobre eles uma luz prateada.

Agora que a boca persuasiva de Deke não anulava qualquer pensamento racional, Kimber revirou os olhos perante a sua estupidez. Raios, não tencionara ceder depois de Deke a ter beijado e acariciado. Mais valia estar a imitar uma cadela com o cio.

Bem, de qualquer forma, Kimber queria ir-se embora. Aquela era a sua oportunidade.

Procurou as chaves do carro no bolso secreto da saia.

— Está bem, não vou ficar com os irmãos Catrell. Conseguiste o que querias. Satisfeito?

Um sorriso matreiro ergueu os cantos da boca dele. Antes que Kimber conseguisse perguntar a si própria que malandrice estaria a tramar, Deke esticou uma mão e arrancou-lhe as chaves dos dedos. Chaves essas que desapareceram no bolso das calças de ganga dele. *Lindo*. Tendo em conta a ereção que lhe esticava a frente das calças, não parecia a Kimber que ele se opusesse a ter as mãos dela a remexer-lhe os bolsos — ou outras partes daquela zona.

— Não, agora vou conseguir o que quero — disse, batendo nas chaves do carro escondidas pela ganga. — Agora não vais a lado nenhum, enquanto não acabarmos esta conversa.

Kimber suspirou de frustração.

— Ouve, arrogante filho da...

— Espera um pouco antes de me começares a chamar nomes. Vim oferecer a minha ajuda. Se ainda a quiseres.

Kimber fez uma pausa. Queria ele dizer o que ela pensava que ele queria dizer?

— Vieste até aqui para me dizeres que me vais ensinar sobre sexo? Tu e o Luc?

Deke fez uma pausa, não parecendo terrivelmente feliz.

— Sim.

Alívio ou irritação — a corrida entre ambos para conquistar a sua reação foi apertada. Eventualmente o alívio ganhou, já que não ia conquistar o coração de Jesse sem alguma educação. Deixar que os irmãos Catrell a ensinassem, por muito disponíveis que eles parecessem, não era algo que quisesse.

Contudo, não ia deixar que Deke soubesse.

— Talvez seja pouco e demasiado tarde.

— Não parecias muito confortável com o Adam e o Burke.

Tão desconfortável que, pelos vistos, até tinha bloqueado o nome do mais velho dos irmãos.

— Quem é que quer saber? Eu não, já que me assustaste de propósito o outro dia.

Deke deu uma gargalhada abafada.

— Apercebeste-te disso, hã?

— Teria de ser uma atrasada mental para não perceber. Jamais terias falado comigo assim quando trabalhavas para o meu pai.

— Não.

Kimber fungou.

— Jamais terias pensado em mim num contexto sexual se eu não tivesse ido bater à tua porta.

Deke imobilizou-se.

— Estás a ser ingénua se acreditas nisso.

Quem é que ele queria enganar? Kimber franziu o sobrolho. O grande e mau soldado das Operações Especiais transformado em guarda-costas não podia ter pensado nela em termos sexuais antes de Luc a ter convidado para a sua cozinha.

— Oh, vamos — troçou Kimber. — Até ontem, nunca te tinhas imaginado a fazer loucuras comigo. Eu tinha o quê, dezoito anos? Dezanove?

— Dezassete. — Os lábios dele contorceceram-se num sorriso soturno. — E meio. E tudo o que corria pela minha cabeça, nessa altura, era ilegal em todos os Estados, Kimber. Os meus pensamentos não mudaram. Só fico muito contente por já não ir para a cadeia por passar à ação.

Deke parecia sério. Terrivelmente sério, com aqueles olhos azuis-escuros a queimá-la.

— Todos aqueles anos atrás, tu querias...

— Foder-te? Oh, sim. E qualquer outra coisa que me deixasses fazer. Eu desejava-te. Muito.

Kimber sugou uma golfada de ar, chocada. *Oh, meu Deus...*

Lançou um olhar demorado e fixo para a óbvia ereção prestes a rebenatar o fecho das calças dele.

— Então ainda me desejas.

— Não disse já isso?

Kimber lambeu o lábio inferior. Quando o olhar escaldante dele se fixou naquele gesto, sentiu um aperto na barriga e os mamilos a ficarem tensos. A sua imaginação mostrou-lhe uma visão: Deke inclinado sobre ela, a deslizar para dentro dela com uma insistência dura. Na noite anterior tinha-se vindo sob os dedos perante essa mesma imagem mental. Um rubor invadiu-lhe as faces. Não fazia qualquer sentido sentir-se excitada por causa de um tipo que não era mais do que um professor para ela. Insanidade temporária, supôs. Stress depois de um ano escolar caótico, ou o que restava de uma curiosidade adolescente. Passaria.

Contudo, de súbito, algumas coisas fizeram sentido.

— Então o facto de me desejares foi o que te levou a quase não falares comigo quando trabalhavas para o meu pai!

— Sim.

— E a razão por que mudaste de ideias em relação ao meu... favor.

— Em parte. A outra parte foi o Luc. Quase me arrancava a pele das costas com a língua afiada.

— Porque ele não queria que falasses comigo daquela forma?

Deke acenou.

— E porque te deseja tanto quanto eu.

— E tu tentaste assustar-me porque achavas que isto era demasiado para mim.

Deke acenou.

— Continuo a achar. Contudo, como o Luc me fez recordar, és uma mulher adulta.

— Já o sou há algum tempo. Tenho a minha própria casa. Paguei a Faculdade de Medicina. Não sou menor de idade e não sou uma idiota.

— Não estou convencido que compreendas, realmente, em que é que te estás a meter, mas é a tua vida.

Kimber mordiscou o lábio inferior, desconfiando que ele tinha razão. Compreendeu — de uma forma abstrata — o que significava estar envolvida numa *ménage à trois*. Tinha lido um livro erótico nessa manhã e descobrira-se excitada pela história de uma mulher amada por dois homens completamente dedicados ao seu prazer. Que mulher de sangue quente não se sentiria?

Contudo, apesar do que Deke tinha dito sobre o facto de as emoções não serem, facilmente, um fator importante numa *ménage*, Kimber sabia que não era bem assim. Começara já a sentir uma atração por Deke que não fazia sentido. Talvez se devesse ao facto de sempre se ter sentido curiosa em relação a ele. No passado, ele repelira-a tanto quanto a compelira. O fator mais importante era Jesse. Tinha mesmo sentido saudades dele depois daquela ausência de quase quatro anos. Embora não fossem parecidos, era provável que estivesse, subconscientemente, a usar Deke como um substituto. Isso e o facto de Deke, em termos sexuais, já lhe ter feito mais em cinco minutos do que Jesse fizera em vários anos. Kimber suspirou.

— Não estou convencido que esse Jesse McCall seja o tipo certo para ti.

Era normal que Deke pensasse assim. Aos olhos do Sr. Prático, ela devia parecer uma *groupie* a perseguir uma estrela, uma adolescente tolinha com uma fantasia cor-de-rosa. Deke não poderia, de forma alguma, compreender como a sua relação com Jesse tinha crescido e evoluído ao longo

dos últimos anos, através de uma troca fiel de *emails* e das suas conversas telefónicas.

Kimber encolheu os ombros, tentando não ficar irritada.

— Tens o direito de pensar assim. Mas como tu próprio disseste, é a minha vida.

— É, e tu queres aprender sobre *ménage*. Portanto, eis a minha proposta — prosseguiu Deke. — Volta para minha casa. Fica connosco durante duas semanas. Mostrar-te-emos o que precisas de saber.

Uma sensação de alívio deslizou através dela. Tinha vencido. Era tentador dizer a Deke para meter a sua proposta num certo sítio, mas o orgulho não a ajudaria a resolver a situação com Jesse. Este insistira que Kimber não era o que ele precisava, era demasiado inocente para o seu estilo de vida. Ia provar que Jesse estava enganado aprendendo tudo. Era a única forma de garantir um futuro com o homem que adorava.

E, apesar da forma nojenta como Deke tinha agido no dia anterior, sabia que ele era um homem de palavra. Ensinar-lhe-ia tudo o que precisava de saber.

Ainda assim, tinha algumas dúvidas quanto ao seu plano...

— Ficar convosco? Do género mudar-me para lá durante duas semanas?

Deke acenou.

— Parte de aprender sobre como lidar com uma *ménage* consiste em conseguir satisfazer dois homens excitados. Sexo com dois homens ao mesmo tempo não é fácil. Alguns homens também têm necessidades individuais que quererão que satisfaças. Alguns homens preferem sexo matinal. Outros sexo durante a noite ou algures pelo meio. Terás de aprender a lidar com dois conjuntos de necessidades.

A explicação de Deke fazia sentido. Dois homens seriam, sem dúvida, mais exigentes do que um. Era estranho pensar em fazer sexo várias vezes por dia quando nunca fizera sexo de todo, mas aquela era a realidade de Jesse.

— Deixa-me adivinhar, o Luc gosta da noite. A tua hora preferida para fazer sexo é de manhã.

Deke abanou a cabeça.

— O Luc gosta da manhã. A minha hora preferida para fazer sexo é sempre que o Luc estiver para lá virado e tu estiveres disposta. Não te foderei sozinho. Nunca.

Como antes, estava a falar muito a sério. Não faria sexo com ela se Luc não estivesse presente e não participasse. Porquê?

O seu rosto não revelava nada, mas a sua expressão era demasiado vazia, quase dolorosamente impávida.

Estaria a tentar esconder alguma coisa? Com Deke, quem podia saber?

— Sempre que eu disser que sim, tu vais querer...?

A luxúria brilhava azul e forte nos seus olhos.

— Se o Luc estiver pronto e disseres que sim a nós os dois, lá estarei.

A sugestão nas suas palavras criou uma sensação inebriante, suavizante, que lançou deliciosas espirais de prazer através dela e deixou uma perigosa ânsia mesmo entre as suas pernas.

— Então não sou só mais um buraco molhado?

Deke fez uma careta.

— Não.

— Está bem, hum... Terminei agora mesmo as aulas de Enfermagem, por isso estou livre. Vou precisar de estudar para os meus exames, mas posso fazê-lo em qualquer lado. Deixa-me ir buscar um saco, esta noite. Posso deixar um bilhete ao meu pai, dizendo-lhe que vou visitar um... amigo. De qualquer forma, de momento está fora da cidade. Posso voltar amanhã e...

— Espera. Temos uma regra.

Uma regra? Havia regras para os trios?

— Tipo...?

— Não como virgens, por isso nada de foder a tua rata.

Kimber eriçou-se. Não gostava da linguagem rude de Deke, mas era algo a que estava habituada. O que mais a incomodava era o tom, como se a virgindade fizesse dela uma forma de vida inferior.

— Acho que já tinha deixado bem claro que queria poupar a minha virgindade para o Jesse. Portanto, isso não vai ser um problema.

— Só quero que te lembres disso quando as coisas aquecerem. — Deke tomou o rosto dela nas mãos e aproximou o corpo firme. A determinação que brilhava nos seus olhos dizia que estava a resistir, desesperadamente, à vontade de a beijar. — E, Kimber, vão aquecer.

Um arrepio crepitante cortou através dela.

— Não vou esquecer nem mudar de ideias.

— Não vou ceder quando suplicares.

Kimber libertou-se das mãos de Deke.

— Quando *eu* suplicar?

Credo, anda para aí alguém muito convencido das suas proezas.

O sorriso triste de Deke cortou diretamente até aos seus nervos.

— Uma das alegrias da *ménage*. Podemos deixar-te disposta a fazer qualquer coisa. Mas, como já acordámos que não haverá sexo normal, então não correremos quaisquer riscos.

Que tipo de sexo haveria, então? Oral. Anal. Nunca fizera nenhum dos dois. Em duas semanas tornar-se-ia uma especialista em ambos. A ideia fê-la inspirar subitamente, perante a perigosa descarga de desejo.

— Riscos de quê? De engravidar?

A boca de Deke ficou tensa.

— Disso e de te envolveres. A meu ver, tirar a virgindade a alguém é aceitar uma responsabilidade. Um homem não deve foder uma virgem que não tencione reclamar e guardar. E não estou à procura de reclamar nenhuma mulher, não para sempre.

Impressionante. Antiquado e apavorado com a possibilidade de assumir um compromisso, tudo numa só tirada.

— Não sei porquê, mas não estou surpreendida — comentou Kimber, ouvindo o seu próprio sarcasmo.

Deke limitou-se a cruzar os braços sobre o peito e a olhar fixamente para ela, a sua expressão fechada. Ilegível. O maxilar tenso, uma linguagem corporal hostil. A boca de Deke alisou-se numa linha triste. E aqueles olhos de um azul profundo pareciam mortícios, neutros... à primeira vista. Kimber voltou a fitá-los.

Desolação. Tudo nele o gritava. Uma rigidez na sua postura, acompanhada de um desejo que Kimber conseguia vislumbrar quanto mais olhava.

Deke pestanejou, passou o peso de uma perna para outra, recuou um passo. O que quer que tivesse visto, desapareceu.

Kimber franziu o sobrolho. Céus, estava a perder o juízo. Não era possível ver tanta coisa num único olhar. Além disso, Deke era o último homem a quem devia atribuir alguma emoção verdadeira. Aquele olhar... o mais provável era que tivesse confundido a sua irritação por ter de esperar pelo dia seguinte para aliviar o tesão ou por não fazer sexo vaginal com ela. A problemática das virgens e do reclamar alguém não o incomodava realmente. Duvidava até que o perturbasse muito. O mais certo era que não pensasse sobre os “riscos” do sexo vaginal, para além de ter concluído que declarar-se “contra as virgens” melhorava as suas hipóteses de não assumir nenhum compromisso.

— Devo dizer ao Luc que estarás de volta a tempo do jantar?

A expressão vazia estava de volta e, desta vez, Kimber não olhou com mais atenção. Duvidava que Deke fosse suficientemente sensível para ter quaisquer fantasmas mas, se tivesse, não os queria conhecer.

— Alguma vez abdicava dos seus cozinhados? Estarei lá.

Deke não sorriu. Na verdade, parecia tão alegre como um homem à espera no corredor da morte.

— Estaremos prontos.

Deke embalava uma cerveja, junto à porta da cozinha, enquanto observava Luc que abria a porta da frente. Kimber encontrava-se do outro lado, com

um ar tão inocente na sua blusa de renda e atrevida saia com motivos florais que o fez ranger os dentes.

Era óbvio que tê-la ali significava “problemas”. *Raios*.

O toque de malandrice nos olhos dela não o deixara teso — o simples facto de ter pensado nela já o tinha feito há vinte minutos. Contudo, a excitação que lhe corava o rosto lançou uma nova e violenta torrente de sangue para o seu caralho, ao mesmo tempo que Luc a convidava para entrar. Kimber aceitou com um sorriso e penetrou no hall com os pés envoltos numas sandálias de tiras.

O seu bom e velho primo passara a tarde toda a arfar como um cachorrinho perante a perspectiva de um novo brinquedo. Usara a sua lábia para convencer Wiletta, a velha empregada, a uma limpeza a meio da semana. Além disso, Luc passara as últimas quatro horas a preparar um qualquer prato de galinha *gourmet* que Deke não era capaz de pronunciar. E para sobremesa, um elaborado bolo de chocolate com morangos. Deke abanou a cabeça. Luc tinha comprado quatro caixas daqueles frutos e escolhido apenas alguns para a sua confeitura.

Deke duvidava que chegassem à sobremesa.

Nem sequer tinha de perguntar o porquê de tanto esforço da parte de Luc. O seu primo queria acreditar que tinham, finalmente, descoberto a mulher que os podia completar, ignorando o facto de que nenhuma mulher sã ia querer brincar às casinhas, de forma permanente, com um antigo Ranger e um chefe temperamental. Aparentemente, Luc também esquecera os milhares de vezes em que Deke reiterara que não queria um relacionamento permanente.

Ainda assim, o primo insistia em alimentar a esperança de que Kimber lhes pertencesse. Vá-se lá saber porquê! Deke tinha realçado, por várias vezes, que não iam afundar os caralhos na doce rata da Kimber. Que, na verdade, esta só tinha ido até ali para experimentar uma *ménage*, por forma a estar preparada para agradar a outro homem.

Nada disso tivera qualquer importância. Luc continuava convencido que Kimber podia ser A Tal. Docemente curiosa, suave por dentro, com um âmagão duro, Kimber era tudo o que Luc sempre insistira que seria perfeito para a vida com dois homens difíceis.

Deke fungou. Sim, estavam sem dúvida a caminho de um final de conto de fadas. *Ou não*. Contudo, Luc teria de o descobrir por si mesmo. Deke estava cansado de realçar o óbvio.

Ainda assim, tinha de admitir para si mesmo que havia algo em Kimber que o afetava de forma extraordinária.

Com uma careta perante o tesão que lhe esticava a merda das calças de fato que Luc insistira que deveria usar, ergueu a cerveja para beber um

longo gole. Caraças, estava mais teso do que se lembrava de alguma vez ter estado e não fizera nada mais do que ver Kimber atravessar a porta com um sorriso hesitante.

— Olá.

A voz de Kimber era sussurrada, suave, um pouco trémula. Ótimo. Tinha todos os motivos para estar nervosa. Deke estava. As suas entranhas eram como um barril de pólvora aceso e com um rastilho curto. O que aconteceria à sua contenção e ao seu autocontrolo depois de ele e Luc a deitarem na cama? *Pum!* Sentia-se repleto de adrenalina, tal como depois de uma missão. Precisava de foder e não o conseguiria continuar a negar durante muito mais tempo. Pior, essa necessidade parecia presa a Kimber.

Não era uma questão de saber *se* ela pediria para ser fodida, mas *quando*. E quando ela suplicasse por um caralho teso na sua rata... seria ele capaz de manter a promessa de a deixar continuar virgem? Apesar das suas palavras duras, não tinha a certeza.

Seria ele capaz de a foder, de a reclamar para si e de arriscar as consequências?

Nem pensar! Não ia correr mais riscos no que dizia respeito a virgens. Nem pensar numa merda dessas. Nunca mais. Kimber aprenderia tudo o que lhe conseguissem ensinar em duas semanas e partiria. Haveria de resistir... de alguma forma.

— Entra — disse Luc, tirando-lhe das mãos o saco de ginásio que lhe pesava no braço magro e pousando-o no corredor. — Estamos felizes por teres vindo. Estou extasiado por teres concordado em ficar connosco.

E, se Luc levasse a sua avante, Kimber jamais partiria.

— Obrigada por mudarem de ideias.

Kimber parecia constrangida, prendendo o sedoso cabelo ruivo atrás de uma orelha, os seus olhos cor de avelã percorrendo a sala de estar e penetrando na cozinha.

Os olhos de Kimber encontraram os de Deke e os seus olhares cruzaram-se. Perante o choque elétrico visual, Kimber inspirou abruptamente. Deke sentiu o olhar dela como um murro no estômago e um sacão no seu caralho.

Oh, raios. Deke estava metido numa grande merda.

Luc envolveu a mão de Kimber com a sua e conduziu-a até à cozinha.

— As minhas ideias não precisaram de ser mudadas. Quanto a mim, sempre foste bem-vinda.

Obrigadinho pelo enforcamento público, primo.

— Deke. — O nome dele tremeu nos lábios de Kimber.

O som correu diretamente para a sua pila.

Incapaz de confiar na sua capacidade de manter em silêncio todos os

sujos pensamentos que gritavam dentro da sua cabeça, Deke limitou-se a acenar.

— Vinho? — perguntou Luc, conduzindo Kimber ainda mais para o interior da casa, para o meio da cozinha.

— Claro. Obrigada. Tens do branco?

— Tenho um ótimo *Chardonnay*.

— Perfeito.

Luc lançou um olhar de censura na direção de Deke. Que merda é que o primo queria que ele fizesse? Deke não gostava de vinho. Luc é que era o tipo fino, com todas as capacidades verbais, por isso Deke ia-o deixar falar. Era inteligente da sua parte, já que Deke só falava a língua dos homens das cavernas. Além disso, não tinha nada para dizer. Se tocasse em Kimber naquele momento, Luc só ouviria dois sons: o som dele a arrancar-lhe as roupas do corpo e o grito dela quando ele lhe cobrisse o clítoris com a boca até ela se vir.

— Cheira tudo muito bem — murmurou Kimber e lançou um tímido olhar de relance na direção de Deke.

Sorrindo com todo o charme de um maldito apresentador de um *talk show*, Luc ofereceu a Kimber um copo de vinho.

— Espero que gostes. Fica à vontade. Ou, se preferires, crava o Deke para te mostrar a casa.

Kimber bebeu um pequeno gole de *Chardonnay*, depois lançou mais um olhar ansioso na sua direção. Deslizou a língua pelo carnudo lábio inferior — quase fazendo com que Deke caísse de joelhos.

— Adorava uma visita guiada.

O que ele adoraria era ver aquela língua a deslizar pela cabeça do seu caralho. Engoliu em seco perante a imagem que lhe mordida a mente e quase acabava com o seu autocontrolo.

— Claro — disse, tentando não fazer uma careta perante a rouquidão da sua voz.

Atravessou a cozinha e, como não conseguia suportar, nem por mais um minuto, não lhe tocar, pousou a palma da mão no fundo das costas dela. Quentes, firmemente curvadas. Recetivas. Deke olhou para ela de relance e não deixou de reparar no facto de os seus mamilos terem ficado tesos mal lhe tocou. E o cheiro dela... inspirou: pêssegos, açúcar mascavado e canela. Caseiro, picante, reconfortante e excitante. Mais uma snifadela. C'os diabos, se ficasse mais teso, o fecho-éclair ia deixar marcas permanentes na sua pila.

Empurrando-a suavemente, tirou as mãos de cima dela e incitou-a a sair da cozinha, regressando à sala de estar, percorrendo o corredor, agarrando no saco de ginásio azulão.

Pendurando-o ao ombro, olhou para trás, para Kimber.

— Há dois quartos e um escritório ao fundo do corredor. O do Luc é o maior, já que ele vive aqui a tempo inteiro. Eu só aqui fico quando estou entre missões ou, como agora, a recuperar de um ferimento.

— O que aconteceu?

Era impossível a Deke confundir a preocupação na voz de Kimber, ou a forma como fazia com que desejasse encostá-la à parede e beijá-la. Não apenas fodê-la. Ainda o queria fazer... muito. No entanto, aquela pequena demonstração de carinho atraía-o de uma forma com a qual não estava familiarizado, mas que não deixava de ser tão eficaz como uma cana de pesca topo de gama.

Se não tivesse cuidado, acabaria por morder o anzol, para citar um *cliché*. Já tinha passado por isso com Heather e bem gostaria de queimar a t-shirt de recordação, mas as suas memórias não o permitiam. Em vez disso, pendurou a t-shirt no seu roupeiro mental, determinado a não voltar a fazer merda.

— Uma besta armada com uma faca quis demonstrar a sua imitação do zorro usando as minhas costelas. Doze pontos e uma vacina do tétano depois, estou como novo.

— Tu e o meu pai estão num negócio perigoso.

— É bem melhor do que ficar sentado atrás de uma secretária.

— Depende do ponto de vista, mas eu sei que os homens de ação como vocês precisam sempre de uns tipos para espancar.

Deke não conseguiu evitar o sorriso que lhe repuxava os lábios.

— Podes crer.

Alguns passos mais à frente, abriu uma porta, revelando um quarto não muito grande com paredes brancas. Tinha uma cama de casal, uma cadeira, um candeeiro de leitura e uma secretária com um portátil. Nunca venceria o prémio de *design* de interiores, mas funcionava para ele.

— Este é o teu quarto. — Ela não estava a tentar adivinhar, sabia.

— Sim.

— Parece-se contigo.

— Monótono? — espicaçou.

— Dificilmente. — Kimber riu. — Podia chamar-te muitas coisas, mas nunca monótono.

O tom ligeiramente aspirado da voz de Kimber continuava a ir diretamente para o seu caralho. Nunca fora grande adepto de pêssegos mas, naquele momento, o cheiro dela estava a impelir todo o seu sangue para sul. Raios, Luc fazia sempre dos jantares com companhia uma grande ocasião. Como raio conseguiria aguentar toda a refeição, sem atirar Kimber para cima da mesa e a comer antes a ela?

— É funcional, limpo, descomplicado. Seria de esperar que apreciasses essas qualidades.

Oh, merda. Kimber tinha adivinhado muito sobre Deke, sem que este se apercesse. Aquela perigosa sensação de a querer beijar regressou, juntamente com o impulso de a abraçar com força só pelo prazer de a sentir contra si. *Mau. Estúpido. Errado. Impossível.* Haveria de provar o seu doce beijo antes de lhe foder o cu, mas afeto... estava fora de questão. Kimber interpretá-lo-ia mal.

Raios, e ele era capaz de fazer o mesmo.

— Exatamente — murmurou, fechando a porta.

Do outro lado do corredor, abriu a porta do escritório de Luc. Com as suas paredes de um bordeaux profundo e madeiras escuras, vidro gravado e toques de bronze, assemelhava-se a um daqueles estabelecimentos de cavalheiros de outros tempos — mas com uma secretária inovadora, um sistema de conferência e uma impressora/*scan*/*fax*. A cadeira de escritório, de pele cor de tabaco, presidia sobre uma masculina secretária de noqueira e prateleiras em cujos topos e lados tinham sido embutidas madeiras mais claras formando algo a que Luc chamara um medalhão.

— Uau — sussurrou Kimber. — Isto é lindo. O Luc tem um excelente bom gosto.

Porque é que as mulheres diziam sempre isso? Normalmente os homens com “excelente bom gosto” eram *gays*, mas ele sabia, em primeira mão, que Luc era tão hetero quanto ele.

Pela primeira vez em séculos — não, desde sempre —, Deke lamentou a heterossexualidade de Luc. Se não fosse por isso — e pelo seu interesse em Kimber —, talvez Deke pudesse encontrar uma forma de a ter só para si, as pernas abertas de um lado da cama ao outro, enquanto ele subia sozinho para o meio delas e a fodia.

Não! Em todos os aspetos relevantes, Kimber era a sua pior memória reencarnada. Não que ela fosse, realmente, Heather, mas... estava suficientemente perto. Como tinha feito durante os últimos doze anos, desde esse verão terrível, ia partilhar aquela mulher e sentir-se grato pelo ótimo sexo.

— Luc gosta de decoração, de cozinhar e dessas merdas.

— Ele é maravilhoso. — Os olhos cor de avelã dela iluminaram-se, enquanto percorriam a divisão.

Deke afastou uma picada de irritação. Luc era muito bom a cozinhar e a decorar, por isso claro que Kimber ia ficar impressionada. No entanto, estava ali pelo sexo e Deke jurou que, no que a isso dissesse respeito, a impressionaria como o caraças.

Girando, saiu do escritório e avançou para o fim do corredor. Abriu a porta e atirou o saco de ginásio dela lá para dentro.

— Este é o quarto do Luc.

Espaçoso, uma mistura eclética de moderno e toscano, tecnologia e Velho Mundo. Cinzento-acastanhado, verde-azeitona e dourado com uma pitada de vermelho, juntamente com uma acolhedora cama de casal enorme, convidava as mulheres a entrar e a ficarem... à-vontade.

Incomodava-o como o diabo que Kimber não fosse a exceção.

Kimber olhou de relance para o seu saco, no chão do quarto de Luc, depois para a cama.

— Vou ficar aqui?

Deke engoliu em seco e tentou não imaginar Kimber, nua, na cama de Luc; tentou não os imaginar aos dois a dormir sozinhos, a tocarem um no outro, a foderem, enquanto algumas paredes os separavam dele. O pensamento lançou uma violenta onda de raiva até aos seus punhos. Deke cerrou-os para se manter imóvel.

Kimber a dormir com Luc... seria melhor assim. Menos tentações. A maior parte das noites Luc dormia como uma pedra. Deke não tinha esse luxo. E, se não estivesse deitado ao lado da mulher que mais lhe atiçara a libido na última década, quando uma dessas noites insones se apresentasse, não poderia acariciar a sua pele sedosa, sussurrar-lhe sugestões malandras e usar a lábia para se apoderar da sua rata. E ia querer fazê-lo. Caraças, queria fazê-lo agora.

Mau, mau sinal.

— Sim. O Luc tem a cama maior. Por vezes tenho problemas em dormir. Não te quero manter acordada.

Kimber virou-se lentamente e lançou-lhe um olhar atento.

— Sei que achas que estou a cometer um erro e que não estás extasiado com o facto de me estares a ajudar...

Kimber estava simultaneamente certa e errada. O facto de ela ali estar, a aprender com ele e com Luc, era uma faca de dois gumes. Deke achava que ela estava a cometer um erro. Kimber, simplesmente, não lhe parecia o tipo de mulher que conseguisse fazer da *ménage* uma forma de vida. Contudo, para satisfazer a sua necessidade puramente egoísta de lhe tocar, ia dar-lhe uma educação exaustiva. Ainda assim, odiava como o diabo que ela quisesse aprender sobre as *ménages* para poder agradar a Jesse McCall — uma estrela de rock que, muito provavelmente, tinha um batalhão de *groupies* em cada cidade à volta do mundo, e que acabaria por lhe partir o coração. Caraças, já que estava a ser sincero, nem sequer a queria partilhar com Luc.

Uau! Eram mais como irmãos do que como primos e, desde aquele desastroso verão com Heather, ele e Luc tinham partilhado praticamente tudo, praticamente todas as mulheres. E ali estava ele, a admitir que queria Kimber só para si.

A confissão não podia ser boa para a sua alma, concluiu Deke, já que se sentia uma merda.

Kimber estendeu a mão, tocou-lhe no braço, fazendo com que ele desejasse saltar das suas roupas e atirá-la para a cama de Luc. *Que se foda o jantar*. Uma parte tresloucada de si estava quase pronta a abandonar a sua resolução de nunca mais levar uma mulher para a sua cama sozinho.

— Mas — murmurou ela — não estou a tentar dificultar-te a vida. Prometo. Sei que não me queres aqui.

Não, ele queria-a ali, mais do que devia. E Kimber era uma rapariga esperta; acabaria por percebê-lo em pouco tempo.

— Não há problema.

Deke fechou a porta do quarto de Luc — e das imagens perturbadoras do seu primo e de Kimber entrelaçados, sozinhos —, depois percorreu o corredor a passos largos. Atravessaram a sala de estar e entraram noutra corredor.

— Sala de jogos. — Apontou para uma divisão espaçosa com um mini-bar e uma mesa de *snooker* que, graças a Luc, conseguia ter classe suficiente para não se parecer com algo saído do covil de um solteirão.

— Gabinete. — Deke apontou para outra sala onde se encontrava uma televisão de ecrã gigante, um par de sofás de pele, duas consolas de jogos — e cortinados perfeitamente masculinos.

Só Luc poderia pensar que os domínios de um homem precisavam de cortinas.

— Relaxamos aqui. Nas prateleiras ao longo da parede do fundo tens uma biblioteca e uma mediateca. Por isso, se te sentires aborrecida...

— Obrigada. Neste momento, estou a estudar para os exames de Enfermagem, por isso suponho que vá dedicar-lhes grande parte do meu tempo, pelo menos quando não estivermos... ocupados.

O rubor voltou a invadir-lhe o rosto. A sua pele perfeitamente pálida não lhe permitia esconder grande coisa. A ideia extasiou-o. Quanto mais excitada ficasse, mais rosada se tornaria a sua pele. Raios, que excitação.

Deke deslizou para trás de um dos sofás para esconder a ereção e fez uma careta. Como raio se ia aguentar durante o acontecimento de duas horas em que Luc gostava de transformar o jantar? Naquele momento, daria tudo por uns hambúrgueres de plástico — desde que todos estivessem dispostos a comê-los nus.

— A maior parte dos dias, esta divisão é sossegada, pelo que será um bom sítio para estudares. Já viste a casa quase toda. Há um *jacuzzi* lá fora.

Kimber franziu o sobrolho.

— Bolas, não trouxe fato de banho.

— Mesmo que tivesses trazido, não o ias usar.

— Oh! Bem... — Kimber apercebeu-se do cariz sexual da afirmação e os seus olhos cor de avelã iluminaram-se — ... estou a ver.

Deu um gole no vinho, depois voltou a morder o lábio e Deke estava quase pronto para saltar por cima do sofá, para a encostar à parede e lhe arrancar as roupas.

— Faz sentido. — Kimber dirigiu-lhe um sorriso atrapalhado. — De qualquer forma, vocês vão ver tudo.

Sim. Deke ia fazer muito mais do que ver. Um momento que já tardava em chegar.

— Jantar! — gritou Luc da cozinha.

Grato por poderem dar início às duas horas seguintes de afiada expectativa, para que pudessem avançar com o grande espetáculo, Deke conduziu Kimber de volta ao centro da casa. Luc esperava aí por eles, acompanhado por um banquete completo. O primo sentou Kimber, segurando-lhe a cadeira como um cavalheiro. Raios, porque é que ele não pensara naquilo?

Tentando não amuar, Deke deixou-se cair na cadeira, observando enquanto Luc a servia, lhe enchia o copo, sorria, namoriscava, lhe tocava casualmente — e o deixava furioso como o diabo. Kimber corava, sorria e ficava presa a cada palavra, o que servia apenas para o deixar ainda mais lixado. Tinha de se controlar e de a esquecer. Kimber só estava ali pelo sexo. De que é que interessava que ele não fosse *Sir Galahad*?

No entanto, mais tarde, quando estivessem nus na cama, Deke tentava provar que, embora as qualidades mais simpáticas de Luc fossem muito boas, não ia dar conta do recado. Deke estava em sintonia com ela. Conseguia ouvir a sua paciência a aumentar, a arranhar através do seu corpo.

Usaria os seus desejos para a fazer vir tantas vezes que Kimber perderia a conta. E jurou que o seu nome seria a última palavra a sair dos lábios dela.

Capítulo Quatro

O jantar estava delicioso — e demasiado demorado. Luc sabia cozinhar, disso não restavam dúvidas. Tinha dominado uma arte que impressionava Kimber, já que esta quase não conseguia pôr água a ferver. A maior parte das “artes femininas” tinha-lhe escapado. Uma consequência de crescer junto de homens constantemente ausentes em missões ultrassecretas e paranoicos em relação à segurança. Para ser sincera, estava chocada com o facto de a blusa de renda e a saia que tinha vestido naquela noite não lhe terem provocado urticária. A verdade é que sabia mais sobre armas de fogo do que sobre moda. Mais sobre artes marciais do que sobre maquilhagem. Coisas que, no passado, tinham feito dos seus romances algo entre o desafiante e o desastre total. Esperava apenas que, como Deke e Luc a iam ensinar — e não namorar —, não se importassem com isso, tal como Jesse não se importava.

— Gostaste do jantar? — perguntou Luc.

Gostar? Estava absolutamente impressionada pela mestria culinária de Luc. A sua reputação internacional era merecida.

No entanto, depois de duas horas de boa comida e conversa fiada, em que todos tinham evitado a questão silenciosa que pairava, pesadamente, na sala, a noite que se aproximava e o que esta podia acarretar, os nervos de Kimber estavam mais afiados do que qualquer uma das facas de cozinha profissionais de Luc. Não conseguia absorver a crescente expectativa, a testosterona borbulhante que a rodeava, o calor espesso que deslizava por entre as suas pernas.

Tendo em conta os monossílabos com que Deke respondera durante a última hora, Kimber calculava que este estava mais do que pronto para passar para o quarto.

Ou isso ou ainda não estava feliz com a sua presença.

Kimber afastou o pensamento desagradável.

— O jantar estava maravilhoso. Obrigada por uma refeição fantástica, Luc. Estava tudo verdadeiramente espetacular.

— Mais vinho? — As palavras formavam uma pergunta educada, mas os olhos... dançavam com matreirice, como se tivesse colocado a questão apenas para brincar com ela.

— Não, obrigada. O meu limite são dois copos, caso contrário adormeço.

— Um xerez, então?

O fantasma de um sorriso curvou-lhe os lábios cheios, pecaminosos, vermelhos. Luc era lindo, sensual, brincalhão, fácil de falar, culto, curioso. Era espantoso que uma mulher inteligente não lhe tivesse já deitado a mão há séculos.

Contudo, naquele preciso momento, só lhe apetecia estrangular o homem por prolongar a sua agonia.

— Para mim chega.

Luc levantou-se e levou consigo o seu prato, pousando-o no balcão e agarrando num bolo de chocolate de aspeto pecaminoso.

— Sobremesa? Posso fazer café, se quiserem. Tenho avelã e canela, baunilha torrada...

— Agradeço o esforço, mas só vos queria aos dois na cama.

Luc estacou a meio da cozinha, com os pratos na mão. Deke sugou o ar numa inspiração abrupta. Nenhum deles se movia.

Oh, não. Teria Kimber lido mal as vibrações? Tinham parecido interessados. Deke quase não fora capaz de manter uma conversa educada e os seus olhos ardentes quase lhe tinham chamuscado o apetite. Luc tinha namoriscado, tocara-lhe nas mãos, encostara o joelho ao dela, dera-lhe de comer com o seu garfo.

Kimber olhou de relance para o outro lado da cozinha. Luc tinha ficado com um tesão, que quase lhe rebentava a parte da frente das calças. À sua esquerda, uma cadeira raspou no chão, perturbando o silêncio sepulcral. Deke levantou-se e Kimber descobriu que este estava no mesmo estado que o primo — tenso, ereto, pronto.

Isso significava que não tinha interpretado mal a situação, certo? Ou talvez não... Talvez o desejo de Deke não tivesse vencido por completo a sua relutância. Talvez Luc se tivesse arrependido.

Raios, Kimber não sabia. A inexperiência não estava a ser de grande ajuda.

— D-Desculpem se fui demasiado direta — disse. — Não estou habituada a moderar o que digo. A minha família nunca o faz, por isso...

— Vamos. — Deke agarrou-a por uma mão e puxou-lhe o braço, quase a arrastando para fora da cozinha, tal a sua pressa.

— Para a cama?

— Sim, caraças!

Afinal, Deke desejava-a. Sentiu um choque de excitação gritando através da sua corrente sanguínea.

Agora. Era chegado o momento. Ia aprender sobre homens, sexo e algo mais do que o autoprazer — e ia aprendê-lo às mãos de dois dos homens mais belos que alguma vez vira. Sentindo a excitação a borbulhar no seu próprio corpo, achou que aceitar uma *ménage* não a perturbaria minimamente. Aprenderia tudo sobre o tema para que, quando Jesse regressasse ao Texas, dentro de poucas semanas, pudesse saber exatamente o que ele precisava e como lho dar. Jesse apressar-se-ia a aprofundar a ligação especial que partilhavam, porque Kimber já não seria demasiado inocente para lidar com o seu estilo de vida.

Luc tentou parecer contrariado.

— Passei muito tempo a fazer este bolo.

Kimber lançou-lhe um olhar provocante por cima do ombro.

— Será ótimo para comermos a meio da noite.

— Será, se deixares que o coma dos teus seios — murmurou Luc, aproximando-se mais.

Kimber dirigiu-lhe uma gargalhada animada.

— Só se prometeres lambe-las todas as migalhas.

Luc disse qualquer coisa e seguiu-a, mas Kimber não conseguiu ouvir porque Deke já a puxava ao longo do corredor, em direção à larga cama de Luc. Em menos de trinta segundos, Kimber estava deitada de costas, com o corpo grande de Deke a cobrir o seu, os joelhos deste a afastar-lhe as pernas.

Ainda a cama não tinha parado de abanar e já a boca dele cobria a sua. Deke afastou-lhe os lábios e mergulhou profundamente naquele beijo, envolvendo-a, incinerando-a. Kimber lançou os braços em redor do pescoço dele e perdeu-se no sabor picante e no toque de Deke. Exigência mesclada com desespero; conseguia prová-lo. A sua luxúria impaciente fluía com cada movimento escaldante da sua língua contra a dela, na tensão dos ombros firmes sob os seus dedos.

Deke incitou as suas pernas a abrirem-se ainda mais e encostou o caralho contra ela. Oh, como ele sabia bem! Não, mais do que bem. Loucamente excitante. Deke encaixava como se tivesse sido feito para ocupar o berço das suas coxas. E, quando ele empurrou o corpo contra ela, tocando-lhe no clítoris, Kimber arquejou, sem interromper o seu beijo, chocada com o facto de Deke ser capaz de criar um tal caos sexual em meia dúzia de segundos. Deke engoliu a sua resposta e, renovando a pressão sobre ela, exigiu mais.

À direita de Kimber, a cama voltou a mergulhar. Uma onda de calor explodiu na sua direção, aproximando-se mais a cada segundo, até que outro firme corpo masculino se colou ao seu lado. Luc. Sem camisa, descobriu Kimber quando estendeu uma mão para lhe tocar.

Os seus dedos descobriram a pele, macia como camurça, que cobria os músculos de aço. Depois o cabelo negro, gloriosamente solto e que lhe pendia em redor dos ombros bronzeados e largos.

Luc depositou uma série de beijos suaves no seu rosto e ao longo do seu pescoço, enquanto introduzia uma mão entre ela e Deke, até encontrar a ponta de um dos mamilos erguidos contra a blusa, e a acariciar. Uma doce sensação acumulou-se ali, provocando-lhe arrepios, demorando-se. A humidade jorrou-lhe por entre as pernas. *Oh, uau!*

Deke afastou a sua atenção possessiva da boca de Kimber, durante tempo suficiente para provar a pele do pescoço dela, lhe morder a clavícula.

Um suspiro trémulo escapou-se dos lábios de Kimber. Os seus olhos abriram-se, pestanejantes, pousando em Luc e nos seus ardentes olhos cor de chocolate que a derretiam, a observavam, a convidavam a pecar. Kimber deslizou os dedos por entre o cabelo escuro e solto. Luc parecia um cavaleiro pirata — quase indomado, sensual, prometendo prazer — disposto a tomar o que quer que desejasse. Kimber sentiu a respiração presa, quando ele se aproximou mais.

Depois Deke distraiu-a quando se lançou aos botões da blusa de renda, afastou as duas metades do tecido leve, puxando-lhe o soutien para cima, em seguida, expondo-a ao seu olhar faminto. Cobriu-lhe os seios com a palma da mão enorme. Kimber sugou a respiração, abruptamente, perante o contacto relampejante. Deke não parou para a deixar recuperar. Limitou-se a erguer-lhe o seio, avaliando o seu peso, depois deslizou o polegar pela ponta hirta. Ela voltou a sentir arrepios.

Kimber mal teve tempo de se sentir esmagada pelas carícias de Deke antes que a boca de Luc descesse sobre a sua. Como um maestro, tocou-a com os seus beijos. Uma suave pressão, a princípio — um suave deslizar dos lábios, uma lambidela provocante do lábio inferior, um suspiro sensual, ao mesmo tempo que a levava a abrir a boca, atormentando-a com a possibilidade de poder aprofundar aquele beijo viciante. Mas sem o fazer.

Gemendo de inquietude, ergueu a boca para Luc. Este limitou-se a sorrir, mordiscando em seguida o seu lábio inferior com uma dentada brincalhona. Luc era gentil, as suas provocações faziam aumentar gradualmente a expectativa, enchiam-na de uma terna vaga de desejo.

Ainda embrenhado nos seus seios, Deke não fazia aumentar nada gradualmente — e ia deixando bem claro que não tencionava ser ignorado ou ofuscado. Em vez disso, sugou-lhe o mamilo para a boca com um puxão

forte, arrancando o desejo diretamente do ponto dorido, que endurecia como uma pedra contra a língua dele. Depois Deke mordeu-o, o suficiente para beliscar. O suficiente para lançar uma bola de fogo de desejo através do seu seio, acelerando pela barriga, para explodir mesmo entre as suas pernas. Kimber choramingou e arqueou o corpo contra o dele, oferecendo-se.

— Ela é linda, Deke — sussurrou Luc contra a boca dela. — Melhor que qualquer fantasia.

Kimber corou com o elogio, mas deu por si a suster a respiração, à espera da resposta de Deke. Estaria ele de acordo? Não importava, na verdade. O objetivo era aprender para Jesse. No entanto, por alguma razão, importava. Embora fosse difícil decifrar porquê quando Deke ergueu a boca, a transferiu para o seu outro seio e criou uma nova bola de fogo de desejo que a fez arquejar e ficar molhada.

— Não é, Deke? — incitou Luc.

Sou? Raios, porque é que a opinião dele era importante? Talvez porque a ideia de que o homem que a estava a ensinar sobre sexo não a achasse atraente fosse desagradável. Kimber queria que ele visse para lá da maria-rapaz. Só podia ser isso.

— Sim — gemeu Deke contra o seio dela, a sua respiração acariciando o mamilo molhado, arrefecendo-o, deixando-o ainda mais tenso. — Como uma merda de um sonho molhado.

As palavras de Deke vibraram no fundo do corpo dela, seguindo diretamente para as suas pregas inchadas. Céus, como ela desejava. Palpitava...

De repente as mãos de Deke estavam na sua saia, puxando, erguendo, deslizando o material macio sobre a sua pele. Essas sensações não a excitaram tanto quanto o simples facto de saber que as palmas ásperas das mãos de Deke se seguiriam. Da barriga das pernas, aos joelhos, às coxas, às ancas. O toque daquela pele calosa sobre a sua pele sensível incendiou-a ainda mais. As bolas de fogo multiplicaram-se e instalaram-se entre as pernas dela, mesmo por baixo do clítoris. Luc abriu o fecho na parte da frente do soutien e lambeu um dos mamilos, enquanto Deke arrancava a camisa, se sentava sobre os calcanhares e a observava.

— Isto vai ter de sair. — Deke fitava a tanga cor de pele que Kimber comprara nessa manhã para ter algo sensual para vestir.

Antes que Kimber levasse as mãos à cintura e a pudesse tirar, Deke agarrou um dos lados. Com os olhos masculinos e escaldantes num rosto que gritava o seu estado de entrega à luxúria, envolveu o tecido leve em redor do punho e puxou. Um arquejo de surpresa e um suave rasgar depois, Kimber estava praticamente nua. Luc tornou a nudez realidade puxando-lhe a blusa e o soutien sobre os ombros e acabando de deslizar, depois, a saia até ao chão.

Deke silvou, inspirando roucamente enquanto a observava, o olhar desavergonhadamente fixo na zona entre as pernas dela, nos ralos caracóis escuros e avermelhados. Um olhar de relance para a direita mostrou-lhe que Luc estava a realizar um passeio cénico em direção ao mesmo local, deixando o seu olhar viajar sobre os altos e baixos do seu corpo, começando nos seios, descendo até à cintura, sobre a barriga plana. Prosseguindo mais para baixo.

Luc parecia pronto a saborear cada instante. Quanto a Deke... os seus brilhantes olhos azuis revelavam que estava pronto para se atirar àquele banquete. De imediato.

A respiração de Kimber ficou presa. O seu coração batia com força, pulsando através do seu corpo, fazendo com que o seu clítoris palpitasse loucamente.

— Deke? — perguntou Luc, baixinho, ao seu lado.

Aquela pausa de Deke devia ser incomum. Kimber conseguia entrever a confusão de Luc sob a luxúria. Kimber não teve tempo de pensar na questão ou franzir o sobrolho antes de sentir a voz rouca de Deke a vibrar dentro de si, aumentando ainda mais o desejo.

— Raios, ela está molhada.

— Muito — murmurou Luc. — Porque é que não descobres o quanto?

Sim, por favor! Se Kimber não soubesse já que quase pingava de desejo, Deke provou-o deslizando os polegares pelos seus lábios inchados e afastando-os, as pontas dos dedos deslizando pela pele escorregadia. O seu toque era elétrico, enquanto abria as carnes de Kimber ao seu olhar e ao de Luc.

Saber que os dois homens a observavam e desejavam fez aumentar o desejo de Kimber, quase a lançando para lá da sua capacidade para respirar.

Um dos polegares deslizou para mais perto da abertura chorosa e Kimber sentiu fortemente o seu vazio. Kimber ansiava terrivelmente por que Deke lhe enchesse o sexo vazio com a extensão firme do seu caralho. Perigoso, sim. E errado. No entanto, a cada toque, o corpo dela caía ainda mais sobre o seu feitiço até se encontrar sob o controlo dele, não dela. Por sua própria vontade, o corpo de Kimber ergueu as ancas para Deke numa súplica silenciosa.

— Não — avisou este. — *Não* me tentes para que te foda.

Contrariada, mas ainda mais febril por isso, os pensamentos de Kimber redemoinhavam. Estaria ele irritado pelas suas tentativas de experimentar mais do que ele lhe podia dar? Ou por o seu autocontrolo em ruínas já estar por um fio?

Que pensamento maravilhoso, que ela, a inexperiente Kimber, a rapariga cujos totós e aulas de karaté Deke costumava ridicularizar, o conseguis-

se provocar tanto. Um olhar de relance a Luc revelou que este não estava em melhor forma.

Com as pálpebras meio fechadas, Kimber dirigiu aos dois homens um olhar sonolento, depois concentrou-se no pênis de Deke, que fazia pressão sobre as suas calças. Teso, grosso — e a crescer, mesmo enquanto ela o fitava.

Kimber dirigiu-lhes um sorriso felino e, antes que pudesse pensar melhor, voltou a erguer as ancas para Deke.

Este rosnou-lhe e levou a mão ao fecho-éclair.

— Estás a implorar algo que não queres que te dê. Para, já!

— Fá-la vir-se — sussurrou Luc, a voz da sanidade. — Está a arder de desejo e não sabe o que está a pedir.

Kimber franziu o sobrolho. Sabia o que estava a pedir — alívio! Deke queria-a; a ereção persistente tornava-o bem claro. No entanto estava a recusar, tal como tinha recusado as relações vaginais durante as suas conversas. Porquê? Deke gostava de mulheres, Kimber sabia-o.

Jesse. Não se podia esquecer de Jesse. Precisava de experimentar o sexo daquela forma mas ir ter com ele virgem, como dissera que faria. Deke jurara não tomar nenhuma virgem. Não queria reclamar ninguém. Agora lembrava-se... Por alguma razão, tal posição perturbava-a.

Os dedos de Deke enrolaram-se em punhos fechados. Engoliu em seco. O esforço que tinha de fazer para lhe resistir estava a custar-lhe muito.

— Certo — acabou por dizer, a sua voz como gravilha numa misturadora. — Vou fazê-la vir-se.

— Falámos sobre isto antes — disse Luc para confortar Kimber, inclinando-se para mais perto de forma a depositar um suave beijo na boca dela, depois na parte de lado do seu seio. — Esta noite vais apenas receber prazer, para te habituares às sensações de dois homens a darem-te prazer ao mesmo tempo. Quando estiveres pronta, ensinar-te-emos como nos podes dar também prazer. Sem pressas. Sem pressões. Está bem?

Kimber dirigiu-lhe um aceno trémulo, quase incapaz de concentrar os seus pensamentos noutra coisa que não Deke e a sua promessa. Deke ia fazê-la vir-se. Kimber não tinha dúvidas de que seria capaz. Em cerca de trinta segundos. Ou menos.

Seria suficiente para apagar o doloroso vazio dentro dela?

Dirigindo o olhar de novo para Deke, fitou as suas faces coradas, os rudes movimentos ascendentes e descendentes do peito fortemente musculado, os tendões e veias que lhe envolviam os grossos antebraços. Magro, poderoso, másculo. Uma nova onda de desejo pulsou-lhe na barriga, no sexo.

Não. Pensa no Jesse. Fosse qual fosse o prazer que Deke lhe desse, o

mesmo tinha propósitos educativos. Isso teria de ser suficiente. Nada de meter caralhos grandes, pulsantes, mais do que prontos para dar conta do recado, dentro dela.

— Toca-me apenas. — As palavras caíram-lhe dos lábios, suaves, suplicantes.

— Assim farei, como quer que consiga. Vou descobrir todas as formas de te fazer vir e de te dar prazer até que me implores que pare.

Oh, céus. Estaria a falar a sério? O corpo de Kimber esperava que sim, em relação a todas as palavras.

Kimber engoliu um caroço de luxúria ardente.

— Por favor.

Incapaz de se conter, Kimber ergueu as ancas para ele mais uma vez.

Deke não recusou o convite.

Deslizou um dedo grosso para as suas profundezas molhadas, deslizando um polegar sobre o clítoris. Centelhas elétricas misturaram-se com a magia pura fazendo o desejo deslizar sobre a sua pele, incendiando o sangue com uma necessidade pura. Kimber gemeu. Quando Deke repetiu o processo e Luc se curvou para tomar a boca de Kimber num beijo carregado de exigência sensual, os seus gemidos transformaram-se em lamúrias baixas.

Luc engoliu o som e ergueu a mão para lhe cobrir o seio, os dedos brincando com o mamilo, beliscando-o suavemente, torcendo-o, despertando-o. Luc lançou mais raios de luxúria para baixo, bem para baixo, para se juntarem à forte pulsação de desejo que o seu corpo bombeava a cada novo deslizar do polegar de Deke sobre o seu clítoris.

Com as pernas hirtas, as costas arqueadas, Kimber sentiu o clímax a aproximar-se. E eles estavam a tocar-lhe há quê, há menos de dois minutos? Kimber sentia-se a afogar, a voar, ardendo desesperadamente — e não queria que fosse de qualquer outra forma.

Deke enfiou um segundo dedo dentro dela, lutando por introduzir os seus dedos grossos. O ardor transformou-se em dor quando ele afundou ainda mais os dedos. Por fim, a sua carne engoliu-o e fechou-se à sua volta. Deke praguejou.

— Está a queimar-me viva.

Luc acenou, respirando contra o seu pescoço, ao mesmo tempo que prendia o lóbulo da orelha entre os dentes. — Diz-me qual é a sensação.

O hedonista Luc estava a encorajar Deke, a tentar lançá-la para o precipício com as suas palavras malvadas, a provocar perigosamente o ténue controlo de Deke.

— Ela é tão apertada e quente. A rata dela está a agarrar. A apertar. A ondular. Foda-se!

— Bombeia-a com os dedos.

Deke arquejou e começou a deslizar os dedos para dentro e para fora da sua passagem apertada.

— Não consigo parar. Demasiado bom para parar.

— Vem-te para nós, querida — sussurrou-lhe Luc ao ouvido, deslizando os polegares pelos seus mamilos sensíveis.

Kimber sentia todo o corpo inchado. Tenso. Uma dor dentro da pele. Húmida de transpiração, molhada de desejo, o sangue corria através do seu corpo. O coração batia violentamente. A pele formigava. E Deke continuava com aquele polegar, incessante, implacável, a dedilhar o seu clítoris. Os seus dedos deslizavam para dentro e para fora dela, tocando num qualquer ponto sensível dentro do seu sexo que jamais teria descoberto sozinha.

Luc sussurrou-lhe contra a boca.

— Estás linda. Mal posso esperar por te ver gritar no clímax.

Depois, com dedos insistentes, puxou-lhe pelo mamilo dorido.

Era demasiado. Tudo aquilo era demasiado para que conseguisse resistir. Conter-se não era uma opção.

O calor aumentava. O sangue rugia. Kimber susteve a respiração, choringou, gemeu — antes de o prazer se condensar entre as suas pernas numa explosão concentrada de energia que explodiu como uma supernova, lançando-a a grande velocidade para as profundezas de um reino de êxtase como nunca imaginara.

— Sim! — Os dedos de Deke continuaram alojados dentro dela e Kimber conseguia sentir o seu sexo a agarrá-los, a apertá-los, a soltá-los, a acariciá-los outra vez. — Sim. Outra vez — exigiu ele. — Vem-te outra vez.

Kimber gemeu.

— Acho que não consigo.

Luc riu, um som baixo, divertido e repleto de promessas sensuais.

— Nós vamos tomar conta de ti.

— Mas, normalmente, depois de me vir uma vez, fico... exausta.

Deke abanou a cabeça com uma forte precisão militar ou com raiva — ou um pouco de cada.

— Não com dois homens. Vens-te repetidamente, até estares tão exausta que ficas quase inconsciente.

Inconsciente? Kimber abriu a boca para argumentar, embora, na verdade, não tivesse energia para o fazer. Além disso, não se conseguia concentrar com o polegar dele a brincar, incessantemente, sobre o clítoris, fazendo-a contorcer-se e pulsar, prolongando o prazer até sentir a cabeça a girar. Até voltar a aumentar. Até ela desejar mais.

— Isso mesmo — murmurou Deke.

Depois dobrou-se sobre ela. Sem preliminares. Sem espera, sem aviso. A língua deslizou pelo clítoris dela, assumindo os mesmos movimentos provocantes do polegar.

As sensações eram semelhantes às que suscitara antes, mas mais intensas. Kimber encheu-se de desejo, como se não se tivesse vindo de todo. Só que, desta vez, o prazer foi mais forte. O corpo dela estava no ponto, a boca dele determinada e a sua vontade férrea. Kimber *ia* vir-se de novo. Deke não aceitaria um *não* como resposta.

Enquanto Kimber o observava, a imagem de Deke a banquetear-se com ela excitou-a quase tanto como o seu toque. Passados alguns momentos, a questão de se se viria outra vez deixara de se colocar, transformando-se numa questão de quando. Kimber sabia, tendo em conta a tensão do corpo, o espessamento do prazer, a forma como as pernas se abriam ainda mais sozinhas, convidando Deke a mergulhar mais fundo, que o quando estava para breve.

— O sabor dela? — perguntou Luc ao primo, o rosto encostado à parte de baixo do seio dela, antes de puxar um mamilo para dentro da boca num sugar longo e sensual.

A respiração de Kimber subiu de intensidade, tornou-se difícil.

— Doce como o caralho — murmurou Deke, lambendo-a como se fosse uma guloseima. — Jesus!

O júbilo que sentia aumentou com aquelas palavras. Deke aprovava. Não, gostava. A voz rouca e o devorar desinibido confirmavam-no. Não ia parar enquanto não lhe arrancasse todas as gotas de prazer possíveis.

Nesse momento Luc ergueu-se sobre Kimber, penetrando-a com o seu olhar. O desejo endurecia-lhe as feições. Perigoso, predatório. Não ficaria satisfeito só de olhar. Esperava a sua vez.

O prazer de Kimber aumentou, erguendo-se velozmente, cada lambidela aumentando a sua euforia ainda mais do que antes, até a deixar tão tensa que sentiu o clítoris encher-se de sangue e pulsar, a poucos instantes de um orgasmo incrível...

— Olha para mim quanto te vieres — exigiu Luc.

Kimber assim fez, os seus olhos, impotentes, fixos no seu olhar negro.

Agarrando o lençol, Kimber arqueou o corpo quando o prazer a começou a invadir.

— Luc...

— Em breve, vou lamber-te. Chupar-te. Vou fazer com que te venhas.

— Sim — arfou ela.

Depois a língua de Deke agitou-lhe o clítoris, destruindo o seu controlo.

— Oh, céus. Oh... *Deke!*

O êxtase arrancou o som da sua garganta enquanto luz, cor, sensação e calor corriam dentro dela, explodindo através de cada nervo do seu corpo. Ficou tensa com a sua força, estremeceu, a transpiração deixava-lhe o corpo húmido, os músculos agitavam-se como se fossem líquidos, como se fossem água.

Enquanto se recostava, tentando recuperar o fôlego, lutando por recuperar, Deke ergueu o rosto de entre as suas pernas, a boca vermelha, molhada e determinada.

— Mais uma vez, bichana.

Depois voltou a lambê-la.

Kimber não queria recusar. Poderia, sequer? Tinha as suas dúvidas. No entanto estava tão cansada, virada de dentro para fora e gasta depois daqueles dois orgasmos monstruosos. E Luc ainda não tinha tido a sua oportunidade de a lançar para o prazer. E queria tê-la. A forma como a fitava, naquele preciso momento, dizia-lhe que estava farto de esperar.

— É a minha vez — insistiu Luc. — Antes que a nossa doce Kimber desmaie. E tu tens outras coisas para que a preparar.

Outras coisas? Kimber não conseguia fazer com que o corpo exausto suportasse os seus pensamentos letárgicos para poder refletir sobre que outras coisas poderiam ser.

No entanto Deke pareceu concordar — com relutância —, deslizando da cama e desaparecendo na outra ponta do quarto. Kimber começou a inclinar a cabeça e a segui-lo com o olhar, mas Luc apoderou-se da sua atenção deslizando as pontas de dois dos seus dedos elegantes pelo clítoris, fumegante e inchado, fazendo-os deslizar depois, lentamente, tão lentamente, bem fundo dentro dela.

— Recosta-te e diverte-te — murmurou Luc.

Sentiu uma explosão de arrepios que a chocou com a sua existência, ardendo numa vida nova. Nunca se julgara muito sexual. Masturbava-se, sim, mas raramente se vinha mais de uma vez. Quem diria que tinha em si a capacidade para dois orgasmos de seguida? E, tendo em conta como se sentia agora, o terceiro não estava fora de questão.

Os olhos de Kimber fecharam-se e ela libertou um suspiro entrecortado de prazer torturado. *Recosta-te e diverte-te.* Luc não ia aceitar um não como resposta. E, de qualquer forma, Kimber não estava inclinada a dizê-lo.

Luc procurou aquele ponto sensível dentro dela que Deke também encontrara rapidamente e pressionou-o — suavemente, sim, mas sem misericórdia. O desejo aumentou de novo, em espiral, mais rápido, mais quente. As paredes do seu sexo apertavam-se, formigavam, doíam.

— A tua vulva incha e fica rosada quando estás excitada. É fascinante de ver — murmurou Luc.

Aquelas palavras fizeram-na cerrar-se sobre si mesma com uma excitação irreprímível. Depois Luc estimulou-lhe o clítoris com um movimento longo, demorado e arrastado da língua.

Kimber gritou e voltou a agarrar os lençóis.

— Cheiras... — Luc inspirou profundamente, inalando-a através do nariz — ... espantosamente. Picante, sensual e viciante. O que só faz com que te queira provar ainda mais.

— Luc...

Kimber não sabia se estava a dizer sim ou não a Luc. Só sabia que ele e Deke tinham conseguido levá-la para um local onde o pensamento racional deixava de existir, as sensações dominavam... e deixavam-na completamente louca.

— Fica onde te posso provar — disse Luc. — Aceita o prazer que te dou.

Kimber preparou-se para mais um choque, para algo ainda maior, mais poderoso. O recuo daquele orgasmo podia deixá-la inconsciente mas, de súbito, teve a certeza que valeria a pena.

Depois Deke murmurou qualquer coisa, em voz baixa e ininteligível, perto da orelha de Luc. As pestanas de Kimber abriram-se a tempo de ver Luc acenar. Depois as mãos de Deke desapareceram entre as pernas dela.

O olhar de Kimber fixou-se no dele. Deke ardia, queimando-a com a insistência da sua expressão. Deke queria vê-la vir-se outra vez, sob a língua de Luc. Estava tudo no seu olhar rude. E ia ajudar a lançá-la do precipício.

Não que Luc precisasse de ajuda, pensou Kimber enquanto aquele sugava o seu clítoris inchado. Kimber cerrou os dentes contra a torrente de sensações mas estas acumularam-se umas sobre as outras. O orgasmo que se aproximava ia juntando forças, roendo a sua compostura com dentes afiados e começando a desmoroná-la. Depois... oh, a língua de Luc brincava com a ponta supersensível do seu clítoris que agora espreitava por entre as pregas protetoras. Kimber gritou perante as sensações, quase abandonando a sua própria pele.

Eles ainda não tinham acabado.

Pressentindo que o clímax de Kimber pairava a meros instantes, Luc libertou-lhe o clítoris e recuou.

— Ainda não, querida. Em breve. Há mais. E quero saborear-te.

— Não — ofegou, tão perto agora que o suor lhe corria pela testa, entre os seios. — Não. Agora.

Luc deu uma gargalhada abafada.

— Um pouco de paciência.

— Não — repetiu Kimber, olhando para os dois homens.

— Sim — insistiu Deke.

Kimber concentrou-se em Deke quando este se inclinou sobre ela.

— Fá-lo — ordenou Deke a Luc.

Com um aceno lento, o hedonista de cabelo escuro levou as mãos às pernas dela, acariciando-as e deslizando cada vez mais para cima.

— Será um prazer.

Fazer o quê? Eles não iam fazer com que se viesse de novo. Ainda. Por muito que o seu corpo o desejasse e disso precisasse, se arqueasse e ansiasse e se transformasse em fogo.

Luc respondeu à sua pergunta quando pousou as palmas das mãos sob os joelhos dela e lhe ergueu as pernas, afastando-as até ficarem dobradas sobre o seu corpo, pousadas acima das ancas. Deixando-a bem aberta. Para qualquer coisa.

Kimber inspirou com maior dificuldade face a tal pensamento.

— Mantém-te assim — disse Luc, colocando as suas próprias mãos sob os joelhos.

Ambos fitavam o sexo exposto de Kimber, olhos ardentes, determinados. Iam, sem dúvida, fazer alguma coisa. Alguma coisa diferente. Imaginar o que seria essa coisa apertava-lhe o estômago em nós de apreensão e desejo.

— Luc...

— Não supliques por misericórdia. Ele não a tem. E eu tenho ainda menos. Querias aprender tudo sobre *ménages*, bichana. Queres manter a tua virgindade intacta. Isso significa que vamos invadir esse cu delicioso.

Penetração anal. Agora. Conseguia lê-lo nos olhos de Luc e Deke, enquanto os olhares destes desciam pelo seu corpo, demorando-se na carne inchada entre as suas pernas abertas. Secretamente tinha-se perguntado, depois de ter ouvido um dos irmãos a discursar, de forma quase poética, sobre o sexo anal. Sim, claro que Deke e Luc a iam penetrar ali. De que outra forma poderia acomodar dois homens ao mesmo tempo?

— Vai doer?

— Hoje será simples — garantiu Luc. — O suficiente para te oferecer as sensações sem te abrir demasiado.

Deke foi direto ao assunto.

— Não te vamos foder aqui. Ainda.

Contudo, fá-lo-iam, em breve.

Kimber sentiu-se fraca perante a perspectiva de os tomar no seu corpo da forma mais primitiva possível e de se lhes entregar completamente, deixando que o prazer — e, provavelmente, a dor — a afogasse.

Dirigiu-lhes um aceno hesitante.

— Está bem.

— Não estava à espera do teu consentimento. Deste-no-lo quando atravessaste a nossa porta da frente, com a mala na mão.

Deke, outra vez. E, por alguma razão, parecia zangado. Ou talvez estivesse apenas no limite. A enorme ereção que ainda lhe repuxava as calças tinha de estar a reclamar atenção... E ele continuava a olhar, faminto, para o seu sexo, um desejo selvagem a iluminar os seus profundos olhos azuis.

— Eu sei.

Parte da tensão abandonou o corpo de Deke, depois este olhou para Luc com um aceno.

— Acaba o que estavas a fazer.

— Ela não vai durar muito — comentou Luc.

— A Kimber pode não responder a isto.

O encolher dos gigantescos ombros de Deke tinha por objetivo dar-lhe a impressão de que não se importava. No entanto, Kimber ficou com a sensação de que ele se importava. Muito.

Deke e Luc não lhe deixaram muito tempo para pensar se iria ou não responder. Alguns segundos depois, Kimber sentiu algo frio e escorregadio a tocar-lhe na entrada traseira. Ficou tensa, começando a pensar duas vezes no que estava prestes a fazer. Não, a pensar três ou quatro vezes. Com o que é que a iam invadir? E se ela não gostasse?

— Não fiques tensa — incitou Luc. — Empurra só um bocadinho. Não é grande...

Mordendo o lábio, Kimber tentou relaxar e empurrar o objeto invasor, claramente coberto de lubrificante. A sua determinação não era total, as suas ações hesitantes.

Até a intensidade do fogo nos olhos de Deke subir em flecha. Até este se sentir forçado a arrancar as calças e agarrar no seu caralho, os olhos sempre fixos na suave penetração de Luc.

O facto de o poder afetar, obrigar a acariciar a própria carne por o excitar tanto, fez com que Kimber lhe quisesse oferecer um espetáculo maior. Tinha imaginado que iria resistir, que se sentiria tímida com Luc e Deke, mas o poder feminino de saber que produzia neles uma inegável excitação arrasava com qualquer timidez. Kimber queria provocá-los.

Concentrando-se nas instruções de Luc, fez o que este sugerira e, de súbito, algo esguio deslizou mais e mais para o interior do seu cu. Um suave clique depois e esse algo começou a vibrar.

Oh, meu Deus!

O prazer aumentou de novo, em segundos, cortando através dela, erigindo-se, empurrando-a com força em direção ao êxtase. Luc fazia deslizar, suavemente, o vibrador para dentro e para fora dela, deixando que

se acostumasse à sensação da pequena varinha a destruir rapidamente a sua sanidade, enquanto Kimber observava Deke que afagava o seu próprio caralho com um punho rude. Quando Luc se inclinou, mais uma vez, para tomar o clítoris dela na boca, a chama entre as suas coxas transformou-se num inferno, lançando línguas de fogo para a sua barriga, fazendo-as descer pelas pernas.

Kimber arqueou as costas, ao mesmo tempo que ofegava. O clímax era grande. Enorme. Quando a varresse, Kimber temia que a perda de consciência de que a tinham avisado se abatesse sobre ela, a arrastasse consigo e a mantivesse nas suas profundezas durante horas. Dias. Nunca imaginara um prazer tão devorador que nem sequer lhe permitisse inspirar, que a deixasse incapaz de impedir as manchas negras na periferia da sua visão de se fecharem sobre ela.

— Responde — disse Luc com um toque de divertimento, enquanto deslizava os dedos pelo seu sexo expectante. — Estás pronta para te vires?

Kimber não conseguia responder, não conseguia fazer nada para além de gemer, enquanto o clímax a esmagava.

— Foda-se! — praguejou Deke.

Através dos seus olhos meio abertos, viu-o inclinar-se sobre si. Deke fundiu a sua boca com a dela, mergulhando a língua no seu interior, fundo, depois mais fundo, como se se tentasse aproximar mais. Instantes depois, recuava, para arquejar numa inspiração desesperada e continuar a afagar o seu caralho. A imagem era insuportavelmente erótica. Absolutamente excitante. Depois Deke inclinou-se e beijou-a outra vez, como um homem faminto, com selvajaria e exigência, lambendo-a até a lançar ainda mais para as chamas. Saber que Deke não conseguia suportar não se acariciar ao mesmo tempo que lhe tocava, enchia-a de um fascínio erótico e de uma forte pontada de desejo.

Durante todo esse tempo, Luc ia-a deixando louca com o vibrador enfiado no cu, os dedos na sua entrada apertada e a boca no clítoris. Juntamente com o beijo de Deke... Este possuía-a, incitando-a a avançar, implorando-lhe de forma silenciosa que lhe dedicasse os seus gritos de paixão — ao mesmo tempo que se impelia para um orgasmo implacável.

E era tanto, demasiado. Não o conseguia impedir, não conseguia lutar contra ele e não queria fazê-lo.

Kimber gritou com a boca colada à de Deke, enquanto o mundo explodia em minúsculos pedacinhos à sua volta, detonando-lhe o corpo, fazendo explodir a sua mente. O choque brutal das contrações apertou as paredes do seu canal uma e outra vez, e apertou os dedos inquisitivos de Luc, fazendo-a gemer contra a boca de Deke mais uma vez.

De súbito, Deke quebrou o beijo, ofegando, afagando freneticamente

a sua ereção, com o maxilar cerrado e o abdómen tenso. Lançou a cabeça para trás e rugiu tão alto que o som ecoou contra as paredes. Em seguida, jatos de sémen salpicaram-lhe a barriga e abateu-se sobre ela mais uma onda de sensações perante a ideia de que o conseguia fazer vir-se tanto.

— Deke! — gritou.

O grito de prazer de Kimber ainda vibrava nos ouvidos de Luc quando ela fechou os olhos e o seu corpo cedeu a um sono exausto. Fazendo uma careta perante a dolorosa ereção, removeu suavemente o vibrador e retirou os dedos do sexo inchado e ondulante de Kimber. As sensações que transmitia eram espantosas e sabia ainda melhor. Contudo, tivera toda a excitação que conseguia aguentar por uma noite.

Além disso, tinha gritado o nome de Deke na sua paixão. Não o seu. O de Deke.

Engolindo um nó de inveja do tamanho de um pedregulho, Luc recordou a si mesmo que era tudo por uma boa causa e virou-se para olhar para o primo.

Deke erguia-se, imóvel, sobre o corpo deitado de Kimber, o caralho ainda parcialmente teso na mão, a satisfação suavizando-lhe as feições. Afastou a mão com um longo suspiro, relaxando os ombros, a respiração voltando ao normal, quase revirando os olhos por completo. Ainda assim, fitava-a.

Tinha-se vindo — muito —, não contendo nada, o que já de si era incomum. Contudo, se Kimber conseguia fazer aquilo a Deke, sem que a sua pila estivesse, de facto, dentro dela, Luc só podia imaginar o fogo de artifício que se seguiria, caso Deke se permitisse fazer amor com ela. Admitir que Kimber era mais do que um brinquedo. Confessar que aquela mulher era importante para ele. E era. Luc podia vê-lo no rosto do primo.

— Para que merda estás a olhar? — rosnou Deke.

— Para lado nenhum.

Luc afastou o olhar, virando de novo a sua atenção para a forma adormecida de Kimber. Que mulher tão doce, tão bela.

Kimber era *aquilo* que procurara. A Tal. A mulher por que ele e Deke esperavam há anos. Luc escondeu um sorriso de pura alegria. *Sabia* que Kimber era tudo aquilo de que precisavam: doce e obediente na cama, uma mulher que não aturava merdas quando se zangava, esperta, de grande coraçaõ. Respondia ao toque deles melhor do que nas suas mais loucas fantasias. O facto de ser virgem seria catártico para Deke.

Quanto ao resto, as questões que poderiam prejudicar o seu futuro... ela compreenderia — eventualmente.

Contudo, lidaria com elas mais tarde. Primeiro, tinha de convencer o primo de que a ideia de viverem felizes para sempre não era algo entre o lixo tóxico e um monte de tretas. Devagar. Luc sabia que, se começasse a sua campanha naquela mesma noite, seria demasiado óbvio. Deke não era estúpido. Sabia que Luc queria que eles partilhassem uma mulher e filhos, um dia. Se se concentrasse demasiado em Kimber, Deke fugiria a gritar na direção oposta. O melhor era avançar devagar e dar a Deke um suave toque aqui e uma dentadinha ali... e depois deixar que a natureza fizesse o resto.

— Estava a ver se estavas em condições de a limpar — mentiu Luc.
— As minhas pernas estão tesas como merengue e a minha pila não está muito melhor.

Deke grunhiu, olhou de relance para as calças esticadas de Luc, depois para o abdómen de Kimber coberto de um líquido prateado.

— Se for um problema, posso tratar dela dentro de alguns minutos — acrescentou Luc.

De maxilar cerrado, Deke praguejou.

— Eu trato dela.

Também pensei que o farias.

— Quando acabares, deita-a, está bem? Vou tomar banho.

Deke hesitou, acabando por acenar.

— Oh, e fica com ela até eu voltar. Ela pode acordar desorientada e assustar-se.

— Ela é uma mulher adulta.

— Que teve uma noite em grande. Só te estou a pedir quinze minutos, está bem?

Deke rosnou.

— Dez. A menos que se trate de sexo, não quero estar perto dela.

Isso não era surpresa nenhuma. Luc tinha ali um trabalho à sua medida, se queria criar uma grande família feliz.

— Certo, dez minutos.

Luc virou-se e saiu do quarto. Não olhou para trás, mas não teve qualquer dúvida de que Deke já estava a estender a mão para o fruto proibido que era a pele pálida de Kimber — só pelo prazer de lhe tocar. Para recordar a si próprio que o podia fazer. Para fantasiar com um novo toque.

Sorrindo, Luc fechou suavemente a porta da casa de banho sabendo, no fundo de si, que Deke não seria capaz de resistir a fazer mais do que tocar durante muito mais tempo.

Capítulo Cinco

O suor cobria Deke quando este rolou da cama, os dedos cinzentos da madrugada a abrir caminho por baixo dos estores, troçando dele. Uma noite sem dormir, passada sozinho, sabendo que, logo ao fundo do corredor, Luc e Kimber tinham partilhado o calor dos seus corpos — e provavelmente muito mais — sem ele.

Algo feio e quente ergueu-se dentro dele, provocando-lhe câibras no estômago. Deke não queria identificar aquela sensação. Por outro lado, não precisava. O ciúme era quase impossível de confundir.

Rolando da cama, avançou em silêncio pelo corredor, na direção do quarto de Luc. Estupidez. Tortura, ainda por cima autoinfligida. No entanto, tinha de ver. Tinha de saber...

E agora via. *Foda-se*. Fez uma careta ao ver Kimber deitada de lado, as costas aninhadas contra o peito de Luc, as pernas de ambos entrelaçadas. Os dois estavam enroscados nos suaves lençóis brancos e a palma adormecida da mão de Luc repousava logo abaixo do seu seio.

Pareciam em paz. Domésticos. Satisfeitos.

Três coisas que Deke jamais seria. Não que o merecesse. Tinha destruído Heather, tão inocente...

Interrompendo o pensamento com um palavrão, Deke voltou a percorrer o corredor em direção ao seu quarto. Exercício. Aquele dia era como qualquer outro, apesar da presença de Kimber e do seu mau humor.

Primeiro, flexões. Deitou-se e começou as primeiras cinquenta. O suor cobria-o, enquanto contava cada uma delas, depois virou-se de costas para cem abdominais. Durante todo esse tempo, ia ouvindo cada som dos lençóis, cada bom-dia murmurado, cada espreguiçar preguiçoso que Kimber e Luc faziam. Cada gesto de intimidade proibida que Deke não se atrevia a partilhar.

Não te lamentes. Está feito, está morta, disse a si mesmo.

Era verdade, mas... Luc acordava sempre com tesão, pelo que Deke sabia o que ia acontecer a seguir. Por que diabo é que nunca tinha comprado um iPod ou posto um simples rádio no quarto, para não ter de os ouvir?

Deke agarrou nos pesos livres e, rapidamente, trabalhou os bíceps, os tríceps, os grandes dorsais e os peitorais, recordando a si mesmo que Luc merecia toda a felicidade que pudesse encontrar ao lado de uma mulher. Luc via sempre o lado bom das pessoas, tentava sempre ajudar, dava-se ao trabalho de rir, arriscava o coração em busca do amor uma e outra vez. E Deke... Bem, já ganhara juízo.

De súbito, Kimber riu. O som suave e melodioso deslizava pelo corredor enquanto Deke se deitava para mais uma série de abdominais. Cerrou os dentes. Depois os suspiros de Kimber chegaram-lhe aos ouvidos. Primeiro um. Depois outro mais profundo, mais longo, que correu diretamente para o seu caralho e que o atingiu como uma facada no estômago ao mesmo tempo.

A retorcida onda de ciúmes voltou a atingi-lo, servindo de pouco para melhorar o seu mau humor e de muito para multiplicar o seu desejo de bater em qualquer coisa e provocar estragos.

Concentra-te. Agachamentos e levantamentos em repetições alternadas. A rotina habitual. Contudo, concentrar-se no habitual parecia impossível quando imaginou as mãos de Luc a deslizar pelas linhas esguias do tronco de Kimber para brincarem com os seus mamilos rosados, enquanto inalava a fragrância de pêssego e especiarias da sua pele e esperava com a sua típica paciência, sussurrando algumas palavras bem colocadas que a deixariam mais do que molhada. Depois, girando a língua pelos botões duros dos seus seios, percorreria de novo o seu abdómen, incitá-la-ia a afastar as suas doces coxas, deslizando os dedos para o húmido céu que era a sua rata, sentindo que as suas paredes se apertavam, divinamente, em redor dos dedos.

Deke sentiu um aperto no estômago. Fazer agachamentos com o caralho suficientemente teso para martelar pregos era impossível.

Em especial quando os suspiros de Kimber se transformaram, de súbito, em gritos.

Que se foda. Tirou as roupas ensopadas em suor e foi tomar um banho frio.

Dez minutos sozinho no polibã revestido de azulejos italianos, com a água quase gelada e uma espuma de banho perfumada com o cheiro esquisito do sabonete de Luc só o deixou ainda mais irritado.

Rugindo, Deke saiu do polibã, rezando para que já tivessem terminado a sua busca pelo orgasmo matinal. Nem sequer tinha acabado de secar as

gotas de humidade que lhe cobriam o peito e os abdominais quando ouviu Kimber gritar, num som exuberante, sensual, torturado. Suplicante. *Ora, raios. Lá se iam todos os benefícios de um duche frio.*

Deke acabou de se secar, concentrando-se no padrão da parede de gesso veneziano. Contudo, não conseguia bloquear os sons sensuais do prazer que Luc estava a dar a Kimber.

A porta entre a casa de banho e o quarto adjacente de Luc estava escancarada e os gemidos carregados de desejo de Kimber invadiam, implacáveis, a divisão. Primeiro sussurrados, depois penetrantes. Estava quase lá.

— Por favor, Luc...

Foda-se.

E era precisamente isso que Deke queria fazer com ela, instalar-se entre as suas doces coxas e ser o primeiro a afundar-se profundamente dentro dela. Isso não ia acontecer. Kimber não queria; e Deke não podia deixar que acontecesse.

Mas podes juntar-te a eles.

Diabos o levassem se não estava muitíssimo tentado. Tinha todo o direito. Uma partilha completa e igualitária; ele e Luc tinham concordado com isso há mais de uma década e nunca tinham hesitado. Então porque é que invejava Luc por aquele momento de prazer a sós com Kimber? Era coisa que nunca o tinha incomodado antes. E porquê recusar a oportunidade de se juntar a eles, naquela manhã?

Kimber Edgington era demasiado tentadora, demasiado doce e reativa. Demasiado inocente e vulnerável. Demasiado perigosa para a sua paz de espírito. Demasiado... tudo o que desejava há anos. Se marchasse para o quarto de Luc, nu e cheio de exigências, seria sugado pelo encanto dela e começaria a afundar-se. Na noite anterior, a vontade de lhe abrir as pernas, de se instalar entre elas e de a reclamar tinha-o assaltado de forma implacável. Aquele desejo tinha, quando muito, crescido, como uma estranha erva daninha num jardim perfeitamente cuidado. Deke tinha de retomar o controlo antes que essa erva daninha se apoderasse dele. Antes que lhe voltasse a tocar, perdesse o controlo e fizesse algo louco e irreparável. Fatal.

Rosnando, Deke deitou a mão a uns calções de fato de treino e a uma t-shirt, depois vestiu-os sobre a implacável ereção matinal. Café. Precisava de beber um, imediatamente.

Começou a percorrer o corredor, mas hesitou ao passar pelo quarto de Luc. Vê-los aos dois atingiu-o como um aríete no estômago. Luc com a cabeça escura pousada na curva do pescoço dela, o cabelo comprido dele caído sobre os ombros e os seios pálidos como porcelana de Kimber. Os seus dedos artísticos brincavam entre as coxas abertas de Kimber. De onde

Deke se encontrava, a excitação de Kimber era óbvia, tendo em conta as suas pregas húmidas, inchadas, quase vermelhas.

— Estou mortinho por te fazer gritar — murmurou Luc. — Mas só quando as sensações forem tão fortes que estejas pronta para implorar.

— Luc, agora. Por favor. — Kimber lamuriava-se e apertava-lhe o cabelo com os dedos. — Por favor.

— Em breve, querida. Deixa-o acumular.

Kimber agitava a cabeça de um lado para o outro.

— Não aguento mais.

A súplica de Kimber arranhava as entranhas de Deke.

— Aguentas. Um pouco mais...

Luc afastou os dedos da sua rata, molhada e inchada, para acariciar as suas coxas, o seu abdómen — ignorando as ancas quando ela as lançou na sua direção. Deke não as conseguia ignorar. Não as ia ignorar.

Deu um passo para o interior do quarto, empurrando com uma mão os calções, fazendo-os descer das ancas, determinado, louco de fome.

Fode-a. Precisava de o fazer — tinha de a penetrar, de se afundar nas suas profundezas. Ser o primeiro.

Agora.

— Luc... toca-me.

O grito rouco de Kimber queimou Deke, arrancando-o ao torpor do desejo. Kimber tinha pedido que o seu primo lhe tocasse, não que ele a fodesse. *Còs diabos.* Em que é que ele estava a pensar?

Nada em que devesse estar a pensar.

De facto, não devia estar ali, com desejos de estar dentro dela. De a reclamar. Pior, de a guardar e arrancar ao homem cujo nome chamara. Só aconteceriam coisas más se fizesse sexo com Kimber. Já tinha comido uma virgem antes e sabia que seria assim.

Deke puxou os calções para cima, virou-se e avançou pelo corredor a passos largos, quase não conseguindo sustentar um feio palavrão. Duas semanas com Kimber ali... Não conseguiria aguentar sem a foder, sem a destruir.

O piso da cozinha era gelado sob os seus pés descalços, quando entrou na divisão e foi buscar o café em grão à despensa. Olhou de relance para o saco. Trufas de chocolate e caramelo. Café com sabores maricas. O que era feito do café normal? Bateu com a porta da despensa.

Atirando o saco para a bancada, ao lado da cafeteira, Deke fez uma pausa.

— Luc!

Mais uma súplica de Kimber. *Raios.* Fechou os olhos com força e exalou roucamente.

Um instante depois, abriu a tampa da cafeteira; esta estalou e saiu, emitindo um som de plástico esmagado que não podia ser bom. A porcaria da tampa caiu ao chão. Voltando a praguejar, Deke agarrou na beira da bancada. Todos os músculos do seu corpo estavam tensos, da testa que se afundava sobre os olhos semicerrados aos dedos dos pés que se encaracolavam contra a ardósia italiana sob eles.

Controla-te, censurou-se, e voltou a colocar a tampa na cafeteira, encheu-a com os grãos de café e água, depois acionou o botão.

Aparentemente, ao mesmo tempo Luc acionou o botão de Kimber.

— Oh, Luc! — gritou esta, um grito seguido por um longo e torturado gemido.

Então Kimber tinha-se vindo, finalmente — sob as mãos de Luc, alimentada pelo toque de Luc.

Por que raio é que Deke queria bater em algo? Ou alguém?

Era melhor não analisar demasiado a questão.

Em vez disso, observou o café a pingar, fazendo os possíveis por manter a mente perfeitamente vazia e concentrada na tarefa em mãos — um excelente truque das Operações Especiais que tinha aprendido no exército.

Alguns minutos depois, Luc emergiu do quarto com umas calças de ganga lavadas, uma camisa na mão e vagueou pelo corredor, a postura relaxada. E sem um qualquer louco tesão que se visse.

— ‘Dia.

— Ela fez-te vir com as mãos ou a boca?

A questão saiu da boca de Deke antes que a conseguisse impedir. Não tinha nada a ver com isso. Saber não mudaria os gemidos de prazer de Kimber que ainda ressoavam nos ouvidos ou a óbvia saciedade no rosto do primo.

Luc encostou a anca à bancada da cozinha, cruzou os braços por cima do peito e ergueu uma sobranceira escura.

— Esquece. Não importa — disse Deke, antes que Luc conseguisse responder.

Deke tentou distrair-se indo buscar as canecas ao armário superior, procurando em seguida o açúcar e as natas para Luc. Durante todo esse tempo, sentiu o olhar do primo fixo nele, avaliando a situação, decidindo qual a melhor forma de responder. Sacana ardiloso.

— Nem uma coisa nem outra.

Uma espécie de não resposta. E, raios, o rosto de Luc não revelava nada. Todas as súplicas de Kimber... Luc não estava a tentar penetrar Kimber quando ele os espreitara — mas Deke também não ficara para o grande final. Teria ele...?

— Não a fodeste. — Deke apresentou a pergunta como um facto, esperando que isso pudesse, de alguma forma, torná-lo verdadeiro.

— Que bicho te mordeu? — perguntou Luc. — Se a quiseres esta manhã, ela está doce, desgrenhada e molhada. E continua na cama. Vai. Eu tomo conta do café.

Deke hesitou. Mostrar que era capaz de resistir ou avançar pelo corredor — sozinho — e obter tanto de Kimber quanto Luc? Se pudesse, tirar-lhe-ia ainda mais.

Tirar-lhe-ia tudo.

A cafeteira apitou e Luc tirou o bule do bico e serviu uma caneca, exibindo um sorriso ténue, pois sabia exatamente as opções que Deke estava a calcular.

Aquele jogo era uma treta e ele não queria estar em nenhuma das equipas.

— Foda-se! Isto não vai resultar. A Kimber tem de ir.

— Fala baixo, senão ela ouve-te — disse Luc em tom ofendido.

Seria pelo melhor. Deke não queria ferir os seus sentimentos, só queria que ela se fosse embora.

— Porque é que achas que ela tem de ir? — perguntou Luc em voz baixa. — Não podes pensar que ela será incapaz de aprender o que temos para lhe ensinar.

Deke revirou os olhos.

— Não te faças de parvo. Ela consegue aprender. Obviamente. Sei que ela não está assustada. Devia estar mas, por uma qualquer razão louca, não está. Mas a questão não é essa.

— Hum. Acho que sei qual é a questão, mas porque é que não ma explicas nas tuas próprias palavras?

— Não te lembras? Ela é virgem.

— E não se chama Heather.

— Ela não tem nada a ver com a Kimber. Não vamos voltar a falar do passado.

Luc inclinou a cabeça e deslizou sobre ele um olhar pensativo.

— Nunca falámos dele, para começar, o que é parte do problema. Mas está bem, se queres discutir o caso Heather. Diz-me que outra razão tens para evitar a Kimber?

Deke hesitou, depois compreendeu que não ia revelar a Luc nada que este não soubesse já.

— Nada em relação ao qual não te tenha já avisado. Ela está a dar cabo do meu autocontrolo. Se ela ficar, vou desrespeitar os seus desejos. Mais cedo ou mais tarde, ela vai suplicar e eu não terei a força de vontade para recusar. Vou fodê-la.

— Se a Kimber suplicar, reavaliaremos a situação. Talvez fosse do interesse de todos darmos-lhe exatamente o que ela pedir.

A ideia de Luc poder tomar a virgindade de Kimber fê-lo sentir-se como se as suas entranhas tivessem sido agitadas numa misturadora e cuspidas em seguida. Contudo, jamais a poderia tomar, muito menos só. Nunca.

— Achas que ela é nossa?!

Luc respondeu devagar.

— Acho que tudo é possível. Tenho dificuldades em acreditar que uma mulher possa responder de forma tão perfeita logo da primeira vez se, no seu coração, pertencesse a outro.

— Já te esqueceste que ela está aqui para a treinarmos para que possa aceitar o toque de outros dois homens, um dos quais ela acha que ama?

— Não. Só acho que ela está a tentar encontrar o seu futuro e espera que esse Jesse McCall seja o caminho certo. Também não acho que vá demorar muito a perceber tudo sozinha.

— Que, em língua de Luc, quer dizer que achas que a Kimber nos pertence e que ela depressa chegará a essa conclusão. — *Impressionante como o caraças*. Deke abanou a cabeça. — És louco, sabias? Na melhor das hipóteses, a Kimber está-se a aplicar para aprender tudo sobre *ménages* para poder viver com outra pessoa. Na pior, é apenas tarada. Mas tu tens de te ver livre dessa ideia de que há por aí uma mulher perfeita que quer brincar às casinhas connosco até que a morte nos separe.

— Ela anda por aí. — Luc parecia confiante. — Mas esse “aí” pode ser a quilómetros de distância ou ao fundo do corredor. Ainda não sabemos.

Deke abanou a cabeça, serviu-se de uma caneca de café e contou até dez. O que não serviu de nada. A frustração ainda fervia dentro dele, subindo, afogando o seu bom senso e o seu controlo.

— Não quero uma esposa. Não quero nada mais que uma boa foda e ela não o é.

Luc não disse nada durante uns bons dez segundos.

— Então não tens nada com que te preocupar para além de manteres a tua palavra. Ela superou a ansiedade de estar aqui e desculpou-te pela forma terrível como a trataste quando chegou.

Merda. Luc não acabara de dizer que não podiam voltar atrás com a promessa de lhe ensinar tudo sobre *ménages*. Contudo, tal estava implícito em cada sílaba.

— Além disso — acrescentou Luc —, nós não somos propriamente a sua única opção. Já te esqueceste dos irmãos Catrell?

Não. A imagem de Adam e Burke com as mãos em cima dela estava-lhe gravada a fogo no cérebro.

— Não acho que ela os queira.

— Mas pode estar suficientemente decidida a aprender para, ainda assim, ir ter com eles.

Era verdade. Deke suspirou. Kimber tinha-o pelos tomates — em mais do que um sentido.

— Pensa nisto como uma forma de a mantermos ocupada, para a podermos proteger dos irmãos Catrell, sobre os quais sabemos demasiado para nos iludirmos — disse Luc.

Sim. Os irmãos eram duros com as suas mulheres. A equipa que nunca desistia. Usá-la-iam, moê-la-iam em pequenos pedaços e cuspi-la-iam quando se mostrasse incapaz de os acompanhar.

No fundo, estava lixado se a deixasse ficar e lixado se a deixasse partir.

— Está bem. Ela pode ficar durante os próximos treze dias. Nem mais um minuto.

Luc sorriu ao mesmo tempo que encolhia os ombros envoltos pela camisa, bebia mais um gole do seu café e se arrastava até às sandálias que deixava sempre junto à porta das traseiras.

— Tenho de ir dar uma entrevista a uma rádio local. Voltaremos a ter esta conversa dentro de treze dias. Entretanto... A Kimber está sonolenta e muito doce esta manhã. — Luc lambeu os lábios. — Serve-te.

Enquanto observava o primo a agarrar nas chaves do carro e a sair porta fora, Deke refreava a sua vontade de bater em paredes, blocos de madeira — na cabeça de Luc — e praguejava.

Servir-se? Deke adoraria. Contudo, era coisa que não ia acontecer. Havia mais em jogo do que a virgindade de Kimber e a sua paixoneta adolescente por Jesse McCall. Muito mais do que ciúme mesquinho. E diabos o levassem se Luc não o sabia e não conspirava para o tentar.

Mais valia começar a contar os dias, provavelmente de uma mão, antes que quebrasse as barreiras de Kimber — tanto mentais quanto físicas. Era inevitável.

E, quando isso acontecesse, todos eles iam sofrer, sobretudo Kimber.

Kimber acordou pela segunda vez naquela manhã, sozinha na cama aconchegante e macia de Luc; vestiu a camisa abandonada de alguém — do Luc? — e avançou, descalça, pelo corredor. De membros pesados e corada, Kimber avançou em direção ao cheiro de café acabado de fazer. No entanto, não podia fingir que a ansiedade não a incomodava.

Quando chegou à cozinha, a imagem de Deke, curvado sobre uma caneca de café, perdido nos seus pensamentos, fê-la estacar. Especialmente porque não pareciam tratar-se de pensamentos felizes.

Claro que não eram. Kimber estava no caminho e Deke não a queria ali. Não tinha ouvido mais nada da sua discussão com Luc, mas essa parte tinha sido transmitida de forma clara.

O que explicava a razão por que tinha adormecido, na noite anterior, com Deke ao seu lado apenas para acordar, passados vinte minutos, e descobrir que este tinha desaparecido. E porque é que, de cada vez que acordara durante aquela noite inquieta, só vira Luc ao seu lado? Deke não só tinha optado por dormir noutro lado como se recusara a aproximar-se dela a menos de metro e meio naquela manhã, enquanto Luc a devorava.

O porquê de tais ações empurrava um sentimento de tristeza e vergonha contra o seu peito com uma intensidade esmagadora.

Apesar da aparente avidez de Deke, na noite anterior, depois do orgasmo este parecera perder o interesse nela. Porque ainda a via como uma adolescente? Porque gostava e respeitava demasiado o pai dela? Talvez. No entanto, tais dilemas eram fáceis de resolver. Um pequeno incentivo da parte dela faria com que os ultrapassasse a ambos. Deke não estaria a fitar, taciturno, o café por causa de tais questões. O verdadeiro problema seria mais difícil de ultrapassar, em especial se se tratasse do mesmo com que se deparara durante toda a sua vida amorosa.

— Olá — murmurou Kimber.

A cabeça de Deke ergueu-se, num movimento súbito, e este lançou-lhe um olhar que parecia, ao mesmo tempo, ardente e acusatório. Deke inspirou fundo. Estaria a preparar-se?

— Café? — acabou por perguntar.

— Claro. Eu vou buscar.

— As canecas estão no armário por cima da cafeteira.

Kimber acenou e foi buscar uma caneca... perguntando-se o que dizer a seguir. O que poderia dizer? Deveria pedir desculpas pelo facto de os seus modos de maria-rapaz lhe desagradarem? Uma vez retirada a saia e a roupa interior de renda, quando ele viu o seu “eu” verdadeiro, talvez o tivesse achado demasiado... masculino. Não seria o primeiro homem na sua vida a pensar isso — bastava perguntar ao seu par no baile de finalistas.

Amaldiçoar a realidade não serviria de nada. Kimber não podia escapar ao facto de ter sido criada, sem mãe, no meio de homens ligados ao exército; o Coronel e os seus dois irmãos SEAL tinham sido os seus modelos. Gostava de camuflados, apreciava uma boa corrida de oito quilómetros às cinco da matina, odiava collants, rendas e maquilhagem. A maior parte dos homens jurava que ela tinha testosterona a correr nas veias. No entanto, a piada de os projetar por cima do ombro e de os deixar estendidos de costas no chão, ou de conseguir beber mais do que eles, tinha perdido, há

muito, o seu atrativo. Queria que os homens a vissem como uma mulher a sério, não como um dos rapazes que, por acaso, tinha seios.

Com Deke e Luc, tinha sido tão feminina quanto sabia. Ao que tudo indicava, não tinha sido suficiente. Todo aquele desejo que Deke dizia nutrir por ela há vários anos... O mais provável era que se tivesse curado dele na noite anterior.

Mudar não era uma opção. Gostava de si assim. Que se lixassem todos os que não gostavam, incluindo Deke. Sim, ele excitava-a. Muito. Como o caracas. Mesmo quando ela tinha dezassete anos, Deke tinha alimentado algumas soturnas fantasias no seu cérebro de adolescente. Contudo, dentro de duas semanas, Kimber estaria com Jesse. Este aceitava os seus modos de maria-rapaz, até lhe dissera que os achava amorosos. Aquele... medo que a ia consumindo lentamente de pouco interessava.

Então porque é que não o conseguia afastar imediatamente?

— Dormiste bem? — perguntou Kimber, no silêncio da cozinha.

— Não.

Kimber reparou que Deke não retribuía a pergunta. Provavelmente não queria saber.

— Eu também não.

Deke resmungou qualquer coisa e deu um gole no café. Evitou olhar para ela.

Raios, tinha de tirar aquele peso do peito. Deixar-se ficar a marinar em dúvidas não fazia o seu género.

Bebendo o gole de café fortificante, afundou-se na cadeira à frente dele.

— Não dormiste connosco a noite passada.

— E...?

— Porquê?

— Falámos do porquê a noite passada. — Um músculo do maxilar de Deke saltou.

— E as tuas insónias são a única razão?

Deke fez uma pausa e nos seus olhos azuis e profundos brilhou qualquer coisa — raiva? —, contudo baixou o olhar para a caneca de café meio cheia antes que Kimber pudesse ter a certeza.

— Bichana, não vasculhes a minha mente em relação a este assunto. Não vais gostar da resposta.

Disso, não tinha dúvidas. Se vasculhasse, era provável que descobrisse que Deke a tinha desejado, outrora, mas que, na noite anterior, compreendera que ela não se parecia com a fantasia feminina que tinha criado na sua mente. E, agora, queria que ela se fosse embora porque não lhe apetecia repetir a noite anterior. A sua honra e Luc tinham-no convencido, pela força, a deixá-la ficar.

Muito bem. Estava tudo muito bem. Kimber podia viver com isso. Deliciar-se com isso, até. Tudo o que lhe interessava era aquilo que Deke e o seu primo tinham para lhe ensinar. Não era preciso que a desejasse. Talvez até fosse melhor que não o fizesse, já que ela estava a responder a Deke mais do que em termos físicos.

No entanto, não podia largar o assunto. Não fazia o seu estilo.

— Provavelmente não vou gostar da resposta, mas se vai afetar a tua capacidade de cumprires com a tua parte do nosso acordo para me ensinares...

— Mantereí a minha parte. Aprenderás tudo de que precisas e, provavelmente, mais do que queres.

— Ótimo.

No entanto, o alívio de Kimber foi, ao mesmo tempo, inseguro e breve.

— Não fiques demasiado feliz. — Deke pegou no café e fitou-a por cima do rebordo. — Luc tem a ideia louca de que te vais apaixonar por nós e que vais deixar o teu namorado *pop star* para te casares connosco e teres os nossos filhos.

Casamento? Filhos? Kimber arquejou. Queria essas coisas, um dia, mas estava fixada em Jesse. Este conhecia o seu “eu” verdadeiro há muitos anos, tinha-a aceitado como ela era. O mesmo não se aplicava a Deke ou Luc.

— A sério?

Deke acenou de forma vincada.

— Não quero encorajar essa ideia. Também não o devias fazer. Isso quer dizer que, a menos que se esteja a passar algo sexual na altura, fica longe de mim.

Nunca ninguém poderia acusar Deke de andar com rodeios. Kimber sabia, desde o início, que este se opunha a qualquer relacionamento. Não que quisesse ter um com ele mas, se lhe ia permitir uma intimidade incrível com o seu corpo, se o ia tocar, pele com pele, e se ia viver debaixo do seu teto, não deviam, pelo menos, ser capazes de falar?

— O Luc está aqui, agora?

— Não.

Kimber franziu o sobrolho.

— Não pode ficar com a ideia errada se falarmos quando ele não está.

— Não quero falar. Vieste até aqui para aprender tudo sobre *ménages*. Vamos ensinar-te. Mas não somos grandes amigos, estou-me nas tintas para o que tu pensas e não tenho nada para dizer.

Defensivo e fechado. Essas eram as melhores palavras para descrever Deke. Oh, Kimber percebera a ofensa, mas essa era a sua defesa. Não era uma questão de ficar resmungão de manhã; Kimber conhecia-o o suficien-

te para saber que Deke gostava das manhãs. Além disso, não tinha ficado perturbado com nada na noite anterior.

Não tinha ficado perturbado até ter provado, em primeira mão, como ela era feminina.

O seu instinto tinha sido recusar-lhe o pedido. Agora, provavelmente, estava a castigar-se por ter deixado que Kimber e Luc o manipulassem e levassem a aceitar aquele acordo. Provavelmente, estava a pensar que iam ser as duas semanas mais longas da sua vida.

Os seus irmãos tinham-na cumprimentado várias vezes por ser uma das poucas mulheres que eles conheciam a ser capaz de conter as suas emoções, mas aquelas malditas coisas indisciplinadas tinham acordado e estavam a dar cabo dela. Sentia-se miserável. Magoada. Odiava-o.

— Como queiras. Também não tenho nada para dizer. Sê uma besta. Desde que sejas um bom professor, não quero saber.

Kimber levantou-se e passou por Deke, em direção à porta.

Este agarrou-a por um braço e puxou-a para baixo, para muito perto do seu colo.

— Bichana, vou ser o melhor professor que poderias imaginar. Não duvides.

— Folgo em ouvi-lo. — Kimber libertou-se das mãos dele. — Respeitarei o facto de não queres falar comigo quando não estamos na cama, desde que não me toques a menos que me estejas a ensinar. Por isso, até hoje à noite, fica *tu* longe de *mim*.

Deke hesitou, um sorriso triste a erguer-se-lhe dos cantos da boca.

— Bichana, essa foi a melhor ideia que tiveste desde que entraste por aquela porta.

O jantar decorreu em silêncio, apesar de Luc ter grelhado umas maravilhosas costeletas de porco e as ter pincelado com um delicioso molho caramelizeado de açúcar e arando. Luc encolheu os ombros perante o silêncio gelado. O exército ensinara Deke a comer qualquer coisa — a comida gordurosa da messe, as rações de combate, o flanco de uma cabra crua — desde que isso o mantivesse vivo. O palato de Luc era um bocadinho mais esquisito. E Kimber... A maneira como lançara olhares venenosos a Deke durante toda a refeição dizia a Luc que ela e o primo tinham trocado palavras desagradáveis mais cedo.

E a forma como Deke a observava dizia a Luc que a fome do primo não seria saciada com aquele porco suculento ou com o *crumble* de amoras e pêssegos que tinha feito à tarde.

Escondido atrás do guardanapo, Luc sorriu. Com exceção da troca de

palavras, tudo estava a correr perfeitamente. Era chegada a hora de juntar algumas aças à fogueira...

Luc estendeu o braço sobre o espaço que o separava de Kimber e acariciou-lhe o braço, deixado nu por um top de alças finas. Depois passou com os nós dos dedos no rosto dela. *Hum, macia. Tão doce.* E a deixar Deke tão lixado, constatou com um olhar de esguelha na sua direção.

— Mais salada, querida? — perguntou Luc.

— Não. — Kimber relaxou o suficiente para lhe sorrir. — Estou cheia. Com os teus cozinhados deliciosos, não tarda deixo de caber nas calças.

Luc inclinou-se para lhe depositar um beijo lento e suave nos lábios, que ainda tinham um ligeiro travo ácido do molho que preparara para a refeição. Do outro lado da mesa, Deke ficou tenso. O garfo caiu ruidosamente no prato. Luc ignorou-o.

— Com nós os dois por perto, não precisas de calças. Não é verdade, Deke?

Luc envolveu o ombro nu de Kimber com a mão e acariciou-o suavemente, ao mesmo tempo que observava os mamilos, que espreitavam sob o pequeno top branco, e o olhar do primo que aquecia perigosamente.

— Já acabaram todos de comer? — rosou Deke, levantando-se, pairando sobre a mesa.

Kimber afastou-se e dirigiu a Luc um olhar inseguro. Preocupação, leu nos seus olhos. *Oh, oh.* Que raio teria Deke dito ou feito para a deixar nervosa?

— A Kimber é que sabe. Podemos ficar aqui sentados mais um bocado se quiseres, querida.

Deke atirou o guardanapo para a mesa.

— Se quiseres que te ensine esta noite, bichana, é agora ou nunca. Tenho coisas melhores para fazer do que ficar aqui na conversa.

Luc sentiu Kimber a ficar tensa sob a sua mão. *Oh, os foguetes estão prestes a começar.*

— Já o deixaste bem claro. Não quero ser um aborrecimento. Talvez seja melhor eu seguir o Luc até ao quarto dele ao fundo do corredor. Tu podes... acompanhar-nos.

A expressão de choque no rosto de Deke não tinha preço.

Deke deu meia-volta e seguiu Kimber pelo corredor. Luc levantou-se, atabalhoadamente, para os seguir. Queria-os irritados, mas não tão furiosos que preferissem discutir a foder.

Kimber quase conseguia atravessar a porta do quarto de Luc antes de Deke a agarrar, encostar à parede e cobrir o seu corpo com o dele.

— Prometi que te ensinava tudo sobre *ménages*. Isso significa três pessoas. Não vou para lado nenhum a não ser para a cama contigo.